

BRASIL-PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1900

N.º 40



CAMELLO LAMPREIA

(Novo ministro de Portugal no Brasil)

Chronica Electrica

Mez de setembro, mez das praias, mez de banhos. Banho de agua salgada, pela manhã ao levantar da cama, entre o sorriso do gentil par da ultima walsa, e um bello almoço. E mergulhando nas aguas do mar, a humanidade fica mui peganenta mas fica tambem mui bem temperada. Ha labios sensabores que ganham muita graça depois do banho. Um beijo furtivamente dado na nivea mão de uma banhista que se nos ententa amavel e complacente, é um beijo que estontea. O seu sabor é outro, muito diverso, dos beijos dos outros mezes. Lembra aquelle Sal e Pimenta da velha habonera hespanhola, cantando a graça das filhas da Andaluzia.

Se ahi ha gente que não tem graça senão quando toma banhos do mar! Meninas habitualmente mettidas consigo, vagueando o olhar triste pelas vitrinas da cidade, tornam-se alegres e estouvadas nas praias, sujeitos graves, carregados de commendas e de serviços ao paiz, remoçam ao convivio do luar e do oceano! Mas lá vem o inverno à lembrar-lhe a estes os deveres crucis e áquellas os deveres domesticos, e era uma vez a alegria. Estes vão para a repartição fazer officios, e ellas vão para casa dar a roupa á lavadeira, e adeus ó noites de luar, ó noites de poesia, adeus descantes á guitarra, junto ao mar que bate bonançoso na areia da praia!

A areia! Ahi está um symbolo do viver nas praias, que escapou aquelle protagonista da farça de Gervasio Lobato que queria canalisar tudo, desde o vinho até aos bifes com batatas, dando como argumento este realmente muito forte, de que uma vez conseguido o levar a agua até aos quarto andares, mui facilmente se levaria o vinho que sóbe tanto á cabeça. Mais ainda do que o vinho, sóbe a areia, mote tão glossado sempre n'essas noites passadas placidamente sobre folhas almofadas da praia, onde ninguém escapa a fazer com a areia, pelo menos uma phrase.

Para distrahir um pouco a escassez de noticias de sensação que n'esta epocha se nota desde o noticiario dos jornaes até aos cavacos dos centros politicos, appareceu agora um acontecimento excepção-

nal que nos tornou fallados em todo o mundo. Kruger, o velho Presidente da republica sul africana, escapa-se aos ingleses, no fim de uma lucta quasi homericia e vem acolher-se á protecção de Portugal, e sempre sob essa protecção passa uns dias em Lourenço Marques, embarca para a Europa, e vem caminho de Rotterdam, a antiga cidade hollandeza, de onde se diz oriundo.

E os outros, os seus companheiros de armas, os seus cidadãos? Luctam ainda ou abandonam o terreno á Inglaterra? Essa escapada de Kruger encobre qualquer plano mais vasto, ou prepara alguma emboscada ousada? E n'estes pontos de interrogação constantes baseia a curiosidade da Europa as suas duvidas e os seus recios...

Nunca fomos dos que receiaram uma invasão boer em Lourenço Marques. Melhor talvez ainda do que a nossa defesa, para nos livrarmos d'ella, havia a certeza de que ao mais pequeno movimento hostil dos transvaalios para offenderem a neutralidade do nosso territorio, as esquadras possantes da Inglaterra se não fariam demorar na nossa bahia, e assim talvez escaparmos ás complicações que tal caso nos acarretaria.

Até Lourenço Marques veio o chefe d'esse exercito aguerrido e louco, mas veio pacificamente pedindo apenas que o protejamos, nós, os velhos aliados da Inglaterra, e Kruger embarca para a Europa, acobertado com a nossa gloriosa bandeira, até bordo do vapor d'outra nação, amiga tambem, que o ha de conduzir a um porto francez. Como o receberá a França? E se elle vae a Paris, terá o povo francez a triste idéa de aproveitar-se do ensejo para qualquer manifestação hostil á Inglaterra, tão vulgares ali nos ultimos tempos.

Vivra pei qui verra!

Amanhã, quando o numero da nossa *Revista* sahir da machina, já deve estar ancorado no Tejo o transporte *Africa*, que conduz do Havre o cadaver do grande escriptor Eça de Queiroz. Uma homenagem simples mas devida, lhe prepararam os admiradores da sua obra e do seu talento, que são todos os que pensam e lhe admiravam a pujança do seu estylo e da sua fórma litteraria. A essa homenagem se associa com enthusiasmo o *Brasil-Portugal* porque, seja qual for a critica d'essa obra, sente-se bem o vacuo que na litteratura contemporanea abre o desaparecimento d'esse primoroso humorista e d'esse soberbo idealista.

Brasil-Portugal.

BRASIL



Um dos mais vastos e importantes estabelecimentos de educação no Brasil, ultimamente equiparado ao Gymnasio Nacional do Estado do Rio de Janeiro

gavetas e malas de viagem, hibernado, trabalhado pelo escriptor na angustia do segredo, eezido e acrescentado no meio das folhas de papelão que faz o cerebro dos nervosos, alternativamente estúpido e violento, segundo a aura em que a columna atmosférica, a humidade do ar, o respo da noite, a digestão e os ventos dominantes, lhe modalisaram o espirito doente: e já o *Senhor Diabo* e na *Singularidade d'uma rapariga loira*, a primeira narrativa realista escripta em portuguez, tinham vindo, com o seu estylo desarticulado, kodakizado do real, cheio d'ironia aguda e lyrismo pessimista, espavir a chapa rotineira das artes d'escrever em Portugal, a ponto do proprio Hereculano repulsar o bocado como s'uma tradução por de francez pessimoso, o que bem mostra o abyssmo que, llo perto ainda, separava já as duas epochas.

Com a permanencia de Queiroz em Lisboa, a aguardar a nomeação de consul, promettida, resultou a collaboração da *Farpas*, com Ramalho, que tiveram em Portugal e Brazil, voga notavel, e foi móda seguir como evangelho de dandysmo e *bel esprit*. Essa collaboração se acha hoje em separata de volume, appensa a edição nova das *Farpas*, sob o titulo d'*Uma companhia alegre*, me parece, e ahí se confirmam e robustecem as qualidades que os artigos da *Gazeta de Portugal* premejavam: uma juvenil desinvoltura, a phantasia scandinava, ultra-poetica, um estylo de nervos e d'esgaras, uma volve de paradoxos e contrastes; somente a mão do escriptor é mais feita, e ganha justeza a forma, bruniudo se de flexuosidades d'ago e d'ouro fino. Em 1872 ficaram as *Farpas* exclusivamente entregues a Ramalho, que iniciara uma especie de phasc acientifica, apregoadá por Theophilus como inspiração «da forte disciplina mental recebida no curso de Philosophia Positiva de Augusto Comtes—patacuada de mestre demasiado baboso pelo alumno, e que certo fará sorrir quem conhecer essa quadra inferior do pamphleto celebre, que

não podia fazer pensar os antigos feis, com biologicas e sociologicas da bibliotheca de *dois anos*, e por outro lado perdera a graça, o dandysmo, o riso, o encanto litterario, em detrimento de missões para que o seu redactor não estava preparado.

E' tambem d'este periodo (1870) o romance epistolar *Mysterio da Estrada de Cintra*, que os dois amigos escreveram para o folhetim do *Diario de Noticias*, barullada emocional, escripta sobre o joelho, mas desgrenhadamente brava e antoyesca, com seus lanceos patheticos, seus quintos actos eudantes, sua condessa loira, seu cadaver d'inglez n'um cutó mysterioso, seus mascarados fidalgos, sua hospanhola no mar, seu corsario correndo a plenas vélas, que fez bater o coração de muita gente, e é o ultimo adems, ironico embora sob as lagrimas, do romantismo congenito dos actores — romantismo de herdancia e enervação inconsciente, apesar da cultura moderna e suas profissões de fé naturalistas—e que em Eça de Queiroz ainda ultimamente, na fabulistica dramatica dos *Mais*, mostrava o topete grizalho, familiar, *ya-ya*, como quem diz «hei-de morrer na casa, só por teima...» Ahí por 1872 ou 73, Eça de Queiroz foi despachado consul para a Havana, e d'essa epocha até á morte (isto é, durante os 27 annos mais fecundos e melhores da sua vida) nunca mais viveu em Portugal senão por férias de dois, tres, quatro mezes e maximo, separadas por tres e quatro annos d'ausencia, e na mais completa desatenção pelas transformações radicaes que, durante esse tempo, a sociedade portugueza ia soffrendo. Essas vindas á patria, passava-as Eça de Queiroz em Lisboa, n'um quarto andar do Rocio, ou depois de casado, no Porto, a dormir de dia, almorçando á noitinha, e a sahir só quasi depois de lusco-fusco, á palestra com vellias relações, ou nos restaurants, com admiradores, de quem elle se deixava cordalmente approximar, desprezando-os com a elegancia mais polida,

tó que a manhã clareava os vidros, dando de mão á comedia litteraria. A este periodo de 27 annos, fóra de Portugal, pertencem os seus romances e trabalhos de mão febleja, como o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Basilio*, o *Mandarim*, a *Reliquia*, as *Cartas de Froilique Mendes*, os prefacios do *Almanack encyclopedico*, a *Illustra Casa Romira*, e alguns escriptos mais que se dia deixou ineditos (1). Escorrida a sumula do que antigas e aturadas leituras d'aquelles livros me permittem pensar sobre o seu merito, concisamente direi de cada qual só o bastante á illucidación do meu juizo geral sobre a gloria do escriptor, sua categoria hierarchica na serie, e do seu papel na epocha em que viveu. E' a manieira de, com o espirito de justiça que me guia, a penna se me não trouxer pelo meio das baldias parvas dos jornaes, e dos que me lerem, sentirem e queito a minha imparcial razão póde equidade para os mortos, retirando a uns o exagero de gloria que outros, maiores, deceberam — mais

perto do nosso coração e da nossa raça — á hora de morrer tragicamente.

Crime do Padre Amaro póde chamar-se em romance, a obra capital do romancista, que tendo podido estudar o thema em pleno foco de laboratorio nacional, enquadrá-o em fundos nossos, fez por esse facto uma obra íntegra, a que todavia faltam o realce d'uma intensa psychologia d'um estylo feito, e d'uma linguagem escurpulosamente castiga e portugueza. Á Oliveira Martins, cujo senso critico, em obras d'imaginação, não valia grande coisa, ouvi todavia dizer, lucidamente, que sera este o unico romance que Eça trouxera no ventre, e tudo o mais era trabalhos de humorista. «*Primo Basilio* é um caso de adulterio n'um meio de pequena burguesia. No artigo sobre Ramalho (*Reverencia*), leio os seguintes periodos: «seria, diz Eça, um romancista extraordinario, se fosse psychologo como é desenhista, e tivesse o instincto certo do momento dramatico, como tem a visão exacta da attitude caracterisante. Uma obra admiravel que elle poderia fazer, seria uma larga caricatura da epocha, á *Pichesech*, dando apenas as superficies da vida, as grandes linhas, pondo em relevo, com uma factura ampla de contornos grossos, o comico contemporaneo.» Coisa interessante vem á ser que n'este projecto d'obra jooosa, alvitado ao amigo, muito melhor do que na ideia complexa de romance, se podem catalogar o *Primo Basilio*, *Os Mais*, e as molduras comicas do *Mandarim* e da *Reliquia*, que são antes honradas, das őrms de diabo exco, judiarias de picaro em licença do vinho icocloasta, őrma geneas das caricaturas de Bordallo, do que propriamente stancias dramaticas apoiadas sobre o vivo, fatias de mundo, latejantes do golpe, a caeorrer o sangue arterial da força viril, do instincto amoroso, da consciencia critica e da acção. Sobre *Os Mais*, juizo identico ao de *Basilio*: uma galoria estranha de grotescos, retratos-char-

(1) Nascou na Pevra de Vazaim em 1846; formou em direito em 1867. Publicou na *Gazeta de Portugal*, entre outras coisas, o *Milhafre*, *Memoirias d'uma Jovm*, o *Senhor Diabo*, etc., e a *Revolução de Setembro*, e *Morte de Jesus*, que Junquiro diz ter paginas deslumbrantes.

O *Crime do Padre Amaro*, que dissemos ter sido atlixarado e notado durante os annos de Coimbra, Evora e Leiria, e inserto na *R. Occidentis* em 1875, conta a primeira edição de livro, em definitivo, em 1878-79, e em 1880 a segunda, on inferiormente referida e recompuzta. O *Primo Basilio* teve a primeira edição em 1878. *Mandarim*, em 1880; a *Reliquia* em 18... O *Os Mais* em 1889. As *Cartas de Froilique Mendes* apparearam, com biographia, na *Revista de Portugal*, em 1889-90. Os prefacios do *Almanack Encyclopedico* pertencem a 1886-87; o ultimo, a *Illustra Casa Romira* acha se incompletamente publicada na *Revista Moderna*, de Paris, 1888-89, por ter cessado a publicação d'este jornal. Não ha, até ao presente, outras publicações em livro, do escriptor.



Festas em Collares

Collares é uma deliciosa villa que fica a 7 kilometros de Cintra. Banha-a uma pittoresca varzea onde o visitante passa umas horas passeando de barco, sob uma abobada de folhagem.

- 1 — Para a festa.
- 2 — De volta da Praia das Maças.
- 3 — Estrada da Praia das Maças.
- 4 — Collarejas.
- 5 — O homem da rubeca.
- 6 — O arrayal.
- 7 — O alujadinho.
- 8 — Na Varzea.
- 9 — O homem do raziolo.
- 10 — Bolso a queijadas.
- 11 — O homem dos foguetes.
- 12 —
- 13 — Na estrada de Collares.
- 14 —



Os bombeiros municipais de Porto, premiados em Paris
 recepção na parada da Central ao regressarem a Porto



Esperando a chegada dos bombeiros na estação de S. Bento

ge, ligados por um fio de melodrama inverosímil, que dir-se-hia visto em certos actos internacionais de peças de Sardos (1). A mais completa ausência de vida interior nos personagens, que quasi todos fallam, procedem, pensam, seguindo alguma falha moral d'irresponsáveis, com a vida da ironia litteraria do auctor, e a força de negação que nos faz agradecer a Deus a providencia de nunca a sua obra pôder vir a tornar-se popular. Não conheço da *Casa Ramires* senão bocados da *Revista Moderna*, pouco seguidos, que me deram a impressão de fundos de gaveta e restos de pachorra prosante, com assignaladas asthmas d'entrecho, e bastantes rugas de precece antiguidade. Porque Eça de Queiroz o reviu, e dizem que refez, resalvo juizo luctivo, esperando que uma edição livreca n'ô escurra, a toda a luz. Do *Mandarim* e da *Reliquia*, que dizer? Em ambos a narrativa phantastica sac d'uma moldura trocista de casa de hospedes e coio de beatos, repisada do serão da S. Joazeira do *Padre Amaro* (o tal romance que Eça de Queiroz tinha no ventre), e até com typos identicos, que mal dispõe o leitor, com suas grossas mordacidades, e garotadas d'escolar, a sugerir-se o errepulso d'assombro sob que deve ser recebido, n'um, a corrida macabra por Pekin, no outro, o sonho historico da Judeia de Antipas Herodes e Jesus Christo.

Dada esta impressão geral das obras d'Eça, publicadas em volume até agora, fixemos n'um succinto quadro o resumo das suas qualidades boas ou más de homem de letras. A primeira coisa que salta é a pobreza estrutural do estylo, e a miseria profunda do vocabulario repisado. Comparando trabalhos de maturidade, com os primeiros ensaios da *Gazeta de Portugal*, e edição primitiva do *Padre Amaro*, sente-se que o escriptor n'este campo, declinou, ou melhor talvez, não progrediu, e que a abundancia e finura dos motivos pittorescos, realçadas n'estes primeiros escriptos, não foram supridas, á proporção que iam marchando,

(1) Fernanda, Odette, etc.

por nenhuma d'ess'outras qualidades de factura que traz a pratica d'escrever, lapidadora da forma, variadora infinita das cadencias, que enriquece o rythmo, areja e precisa, nas suas arestas de roza, a joia do vocabulo, transformando pouco e pouco o teclado rude da palavra, n'um maravilhoso aparelho registrador de sensações e notulações do seu vibrante. Quem por exemplo lê de seguida o *Primo Basilio*, a ultima edição refundida do *Padre Amaro*, os *Mais*, as molduras grotescas do *Mandarim* e da *Reliquia*, e a introdução das *Cartas de Evadique Mendes*, não pôde furtar-se a uma impressão de lazearia monotoná, de fadiga aestica, ante esse estylo d'impressões physicas, mordacidades destruetivas, vivazes sem alcance — estylo de periodos curtos, e ás vezes, pelos rebocos successivos de recapia, pouco nitidos, cuja estrutura derreda se repete em rozzorios d'orações identicas de rythmo, sem inversões nem cadencias, trahindo o esforço d'uma observação sem subsidios, e a annécia da phantasia que, perdido o habito do sonho, não pôde mais, pela secura congenita, recorrer ao sentimento. Tudo isto resulta do procece esgotto myelathenico e cerebralismo do romancista, que sendo de nascença um fraco, erarea desde moço necessidades sensaes que haviam de lhe desbaratar a força neurica antes do tempo.

De facto, perdido o estomago pelo habito dos excessos culinarios, das ceias artistas, té de manhã, com vícios loiros, cortadas pelo esforço horrivel de ter graça entre dois males — falscada a hygiene do trabalho, que nos homens de penna cada vez mais requer viridituras sollicitas, desinfecções moraes, melancolicas — a alicia d'amar, eleganciar, viver, feita castupla, o pobre neurathenico abou-se subito com uma pavonosa pasto mesquinho na devorante fornalha que o ruia.

D'este estalfamento precece, a derivante primeira é embotar-se-lhe a phantasia lucida dos primeiros trabalhos, essa japoniezica estranha que ás vèzes passa na curva de certos periodos seus, danasquinando a seida d'um ouro velho de *fontanossa*, e não lhe ficar para o aperficiamento da forma, esse retardatario instincto da porreza castica, que sem excluir nervosidade, fizesse do seu estylo, um estylo unido, electrico, drape-



Casa esqueleto na parada da Central (patio da Camara Municipal)



A igreja de S. Bento da Ave Maria, em demolição no Porto,
 para a nova estação central do caminho de ferro

rena, e ignorando, diz Prado n'um artigo da *Revista Moderna* satê que ponto, pelo seu desleixo, Portugal estava prestes a perder em Africa territorios que eram dezenas e centenas d'Alcancas e Lorenas, proprias, não albeias — tudo sem *orientalismo sério* à Terra Santa pollicionar nas ruínas o crevotismo francez, com rabonas pintadas de *bonlevard* — esclarecendo o typo com requemas da gente do Cenuenco e dos *rencidos*, já murehos uns, sem critica exacta outros, e quasi todos brigando, pelas diversidades d'origem, em vez de nos darem d'esse espirito uma ideia de todo inconfundivel — Fradique Mendes, que principia poeta e acaba tolo, que atravessa as regiões da ideia forçando o bronze de todos os arcanos, vibrando as religiões e as sciencias, paradoxos — Fradique, que Eça faz um tectoror foando de sophismas, da raça ironica dos despotas afetos a thronar sem competencias — Fradique, querendo ser o typo ideal do homem moderno, generalizador e artista, amorofo e encyclopedico, nada mais consegue, pelas deficiencias psychicas do romanista, sua anglofilia de mulato, sua paixào estrangeira de renegado, seus catismos d'alfacinha, do que realizar um caso fruste de *posseur*, um d'estes philosophos do *Monde ou l'on s'ennuie*, elegantes, parvos, e de cuja vacuidade se parte para bem desoladoras conclusões.

Oh, desoladoras, se folheando essa biographia curiosa, teimarmos em querer ver luzir no cranio d'Eça um espirito de pensador vasto e profundo!

Fradique sabe tudo, estuda, entende e pratica tudo; habista no Oriente, para «desvendar o balismo» — positivista queimando incenso e myrrha «na ara da humanidade», com os positivistas rituaes, nos dias festivos de calendario comtista — theosopho nas paginas da *Revista Espritista*, uibillista em o principe Koblaikin, antropologista, linguista, occupado de religiões, litteraturas, direito celtico, magia chaldaica, povoações lacustres, sellos... Não lhe resalta a transcendentalidade, porém, de tres ou quatro traços lampeantes, como seria mister para o transformar n'um symbolo inequo; senão por diffusões, incongruencias, parola, resvala no conselheiro Aécio a sério, uma especie de cretino megalomano que nos pie a alvitrar bem poucas coisas sobre a mentalidade superior dos taes *rencidos*.

Querem saber por exemplo como Fradique teve a «paixão da historia»? Aos onze annos a avô mandou-o para a escola; dava-lhe um pataco para bolos, e o jardineiro levava-o pela mão. «Este creado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nivel dos filhos do nosso procurador. Um dia porém, folheando uma *Encyclopedie de antiquidade romana*, que tinha estampas, li com surpresa que os rapazes de Roma (a grande Roma!) iam tambem para a escola, como eu, pela mão d'um servo denominado o *caparius*, e compravam tambem, como eu, um bolo na tia Martha do Velabro ou do Quirinal, para comereem à merenda — que elles chamavam o *lentaculum*. Pois meu caro, escreve elle a Oliveira Martins, no mesmo instante a veneravel antiguidade d'estes habitos, tíro-lhes a vulgaridade toda que n'elles me humilhava tanto.»

A razão da compra d'uma quinta, não deixa tambem de revelar a phase aenciaal a que o Eça philosopho propendia.

«A compra da quinta do *Saravoga* em Cintra, realisára a Fradique para se prender mais, e pelo forte vinculo da propriedade, ao solo augusto d'onde um dia tinham partido, levados por um ingenuo tumulto d'ideias grandes, os busealores de mundos, de quem elle herdára o sangue e a curiosidade do *alem!*»

Em culinaria traz esta mirabolante opinião «o parlamentarismo e o constitucionalismo estrangeiram em Portugal a cabidella de frango.»

Fradique, salda dos *castanets* «... sempre que lia n'um jornal, uma catastrophe ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis, lançando ao lado um algarismo, que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua maxima era que — mais vale um pataco na mão que duas philosophias a voar.»

Fradique, protector de bichos «... uma occasião em Paris, correndo a uma estação de *fieras*, para nos salvarmos d'um chuveiro que deslavava, e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cobrava umas *nozes musas dançando entre os loureiros*) encontramos apenas um *coupe*, cuja pilleca, com o sacco pendente do fochino, comia melancolicamente a sua racção. Fradique teimou em esperar que o cavallo almocasse com tranquillidade — e perdeu as *nozes musas*.» Por uma tal introdução sentem-se as Cartas, as pobres cartas que parecem artiguinhos soltos d'almanack, sem estylo epistolae, sem improvisação rompante, em trabalhosos periodos occupando-se d'extravagancias puras, afrosinos sedicos, pedanterias dos *corrompados senhores* do Hotel Bragança, a descensentiar muito feticheista quanto à infallibilidade dos denses, e impecavel extorjorismo dos seus altares.

Direi por conclusão que Eça de Queiroz é um genio fallado pelo mau uso que de si proprio fez na traça d'escritor, genio que se amesquinhou por indisciplina philosophica, predomino d'instinctos mundanaes, falta de fo n'um ideal intenso e absorvente.

Dous tres ou quatro grandes livros que deixa, nenhum promette na memoria dos homens, vida longa, que á uma é dudivoso o portuguez em que estão escritos, e á outra hão de matalos qualidades de dilettantismo, ainda seductivo, e bem depressa fastidiosas, assim como a ironia iconoclasta, que em cincoenta annos passa, quando futuras gerações, mais cerebralmente definidas, começarem a rir d'outra maneira. *Eça de Queiroz é um escritor europeu, não um escritor nacional*. Na historia do portuguez escrito vem talvez a contar-se a prosa de Ramalho; á d'Eça nunca.

Por isso, tantos bombasticos artigos chamando-lhe unico, tantas homenagens hugueccas chovendo-o como pedra angular da litteratura lusitana, me pareciam alguma coisa fêra de proposito, e por ventura armando á successão da coroa sem herdeiro. Este escrito não é talvez tanto o enterro d'um morto, como o exhibismo da litterate gatopinguando o seu memorial de pretendente. Só assim pode explicar-se a chordeira feita de roda do maior desnaconalizador que teve Portugal modernamente, do genio cynico que tão mal comprehendeu a sua missão moral do homem de penna, e que em vez d'erguer a alma do paiz

para ideias centralistas que o defendessem contra a morte, em vez de arraijar nas almas, gemens de trabalho, de patria e de familia, gastou a vida a negar, a doprimir, a dar supremacia a modernices francezas, a fazer descer da honra e da virtude, a não ver nos homens senão cretinos ou biltres, e nas mulheres senão rudimentos vulgares de prostitutas!

Adorem-n'o embora os complicados e os artistas: é dever seu, tratando-se d'essa venenosa flor de raça escuria, d'esse impulsivo chrouista das perversões do sexo e do caracter — como artista moderno, Eça de Queiroz é um caso raro e curioso, glorifiquem-o os litteratos e os mundanos — mas sem dizer a cinco milhes d'analfabetos, vae alli um deus que empue venerar! Porque esses cinco milhes não tem que ver com Eça de Queiroz, e a propria barbaria os salva de, lendo a obra do artista, se podereem tornar em outros tantos milhes de malandrins.

Houve, é certo, n'esta metade de seculo, um grande escriptor portuguez que não foi consul nem dandy, e de tudo estereven paginas supremas, e fez da lingua dura dos chrouicnos, um instrumento sonoro, maravilhoso, elastico e vibrante, exprimindo á nossa modo, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir como ha sete seculos exprime, chora, pensa e ri todo o animal da nossa raça, que seja o que fór, não é menos esporto, nem menos bravo, nem menos progressivo, nem menos probo, nem menos digno da civilisação do que qualquer outro homem trigueiro ou loiro, saxonio ou latino, surto em pais de prospera fortuna!

O que esse animal precisa é desanesthesiar a ebaça do pezadello estrangeiro que o acobarda, trabalhar com os seus bragoes, proceder por sua iniciativa, expulsar os que o roubam, dar castigo severo aos que o insultam; e se é este o fito de quantos, n'esta hora d'angustias, amam a patria, se é proposito de todos resusitar, pelas aquisições parciais da archeologia, da historia, da agricultura, da industria, das artes e das letras, um espirito nacional que faça de nós no mundo, um agregado politico indiviso — como se explica esta apothecose ao escriptor disolvente, quando o verdadeiramente grande, o outro, o nosso, lá jaz no Porto esquecido e tratado como um cão?

FILIBERTO D'ALMEIDA.



Typo de belleza

EVORA (*)



Porta romana — Arco de D. Isabel

CAMINHANDO para Evora com a velocidade do comboio por entre trigo já colhidos, vêm-la surgir de extensa campina quebrando o tom monótono da paisagem alentejana com o branco e o encarnado da casaria e a cinta de arvoredos erguendo-se do fôssco a occultar alguns pannos ainda restantes da desmantelada muralha.

Rebrilham os campanarios, tão prodigos, que despedem em mil scintillações toda a luz recebida, parecendo quererem desfazer o astro do dia, deus barbaro, ha muito decahido do oijmpo. Sahnido da estação temos de investir com a poeira ardente, que soffoca, levantada por carros e peões. O calor aperta, latejam as fontes, abraza-se nos a cabeça, alargamos o passo e d'alli a pouco podemos contemplar com prazer a finissima agua da Prata cahindo em abundancia sobre bacias de marmore e os eucalyptus sem conhecerem a vertigem da altura trepando para o céu, mas subtrahindo o mais possivel as folhas aos ardores do sol de agosto.

O verdadeiro refrigerio n'esta abertura está, porém, na galeria coberta, formada pelas casas e que, subindo pela rua do Paço vae ainda além da praça principal, de Geraldo, até á Ruancha — excellentemente providencia para verão e inverno e que recommenda á gratidão do transeunte, sobretudo dos recém-chegados, o architecto que tal gisou e se não é novidade nem no paiz, nem fóra d'elle, tem comtudo o condão de agradar sempre.

Quando, restabelecidos dos incommodos da viagem fatigante, vamos percorrer a cidade, nas impressões, que se succedem, destacamos estas dois factos: o systema de construção, materias e apparelho; a antiguidade dos monumentos que accusam tres civilizações.

O magnifico calcareo crystallino, ou marmore, de Extremoz; o granito de mica negra, o schisto ferruginoso, o tijolillo e sobretudo este, apparecem com frequencia.



Casa de Garcia de Resende

Não ha alli o basalto e as trachytes, que se estendem em amplos mantos pela serra de Monsanto, denunciando a existencia de um vulcão submarino n'uma das passadas idades da terra, e que em Lisboa tão bem se casa com o calcareo nos mosaicos das calçadas á portugueza, mas suppre perfeitamente a sua falta o granito negro.

As taipas, o tijolillo até nos sobrados, lembrando o arabe; as abobadilhas celebres vencendo os vãos com rapidez e elegancia,



Aqueducto d'agua da Prata

Entre a Cartuxa e S. Bento

offerecendo pouco depois de construidas uma resistencia admiravel, vêem-se por toda a parte.

Os adobes, mal cozidos pela escassez de combustivel, offerecem a vantagem de serem se afeiçoados na obra, como se dá com os calcareos brondos.

Notando, porém, as argamassas, esmeradamente construidas e a que nem sempre é extranho o gesso, teremos registrado a traços largos o *factes* caracteristico da construção em geral.

A collecção de monumentos, em que se patenteia o romano, o arabe e o portuguez, só falta o minarete e a mesquita.

Pejam o sólo 22 conventos! moles de sensaboria e tijolillo, d'onde



Ermida de S. Braz

para o seculo nada sahio digno de menção a não ser uma infinidade de receitas de doce, cuidadosamente elaboradas durante muitos annos por gulôças freiras, receitas entre as quaes sobresham, mais gratas ao paladar eborense, as do bôlo pôdre, toucinho do céu, manjar branco e manjar real.

É notavel *extra moenia* a ermida de S. Braz, de ameias, ogivas e contrafortes rematados por coruchéas, mas dentro da cidade deixam-nos geralmente mal impressionados os nossos templos.

S. Francisco tem a sua nave lançada com tanta imprudencia como arrojô e na capella *dos ossos* o recheio dos cardeaes chamando aos delegados de saude a attenção, que lhe vão negando os visitantes civilizados.



Anta (dolmen)

ficar, porque será eternamente bello.

Parece que Evora se quiz conservar sempre pagã não permitindo o accesso no seu recinto a outra arte. A propria cathedral com a capella mór de custosos marmores vindos de longe, se visa á magestade na elevação da fabrica, não attinge o que os architectos do christianismo souberam obter nos poemas de pedra da Batalha e de parte dos Jeronymos.

Dir-se-ia que os assumptos, em que é fertilissima a religião de Christo, não tinham alli encontrado estylo condigno, se não fora na Sé o côro raphaelesco e um dos retabulos.

Para representar o acto sublime da tragedia do Calvario — o descendimento da Cruz — um assumpto divino, requeria-se toda a chamma da inspiração, que divina é.

Sem esses esplendidos trabalhos como poderiamos em cidade tão devota comprehender a arte christã, que se desentranhou em prodigios, elevando-se da representação da forma á traducção do mais grandioso da ideia, maneando febrilmente o escôpero, o buril, a penna e o pincel; rasgando o firmamento para se librar aos parâmetros da luz? Vêmos com sentimento, que nem sempre estiveram á testa do arcebispo prelados, como o actual, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Augusto, eximio nas sagradas e nas profanas letras, artista da palavra, que, á similiaença de muitos pontifices romanos, nunca viu antinomia entre o acendrado da sua fé e os fulgôres da arte.

Possue a cidade bôas habitações, desafogadas praças e extensas ruas. Onde D. Manuel teve os seus paços não podia deixar de apparecer o estylo manuelino algumas vezes e vêmo-lo engalanando, alegre como um sorriso, as janellas da casa de Garcia de Rezende,

Até na propria universidade jesuitica a terra foi infeliz, rastejando alli a architectura por uma copia servil e desolegante do antigo, e n'um dicto, não dos menos felizes do sr. Gabriel Pereira, o estylo d'ella faz lembrar a grammatica.

Como contraste ergue-se no largo de Diana, sobre alto embasamento o templo da antiga deusa, conhecido e admirado em todo o mundo, mostrando-nos dos tempos que passaram o que eternamente ha-de

que é, como André de Rezende e outros, uma das glorias de Evora, que legitimamente se orgulha de ter dado ás letras e ás armas muitos dos seus filhos.

O povo, a que não falta trabalho nem pão, é expansivo; escrupuloso no acio caia tudo, até o proprio marmore das lares em que arde o azeitão rijo como ferro. Escarrachado n'uma azemula, que na proxima feira ninguem ha-de conhecer, transformada com algum azougue no ouvido em fogoso corcel e mudada a côr do pelo, passa o cigano sonhando com novos roubos e talvez depare com qualquer cigana pensando em novos amôres, de falripas encarcacoladas, soridas, luzidas, pingando azeite, negligentemente sentada em cadeira de tabua, n'uma esteira de palma, ou bambaleando se n'um carro alemtejano.

Ha a lenda de que os *Meninos da Graça* (**), fallam entre si na noite de S. João. For entre as formas caricosas do venado dos marmores da capella-mór da Sé todos sabem distinguir a *cabeça do gato*.

Das riquezas, entesouradas durante largos annos, levaram os francezes farta copia.

No jardim publico as ruinas, em que devaneou Cinatti, ao lado d'aquellas, a que o tempo com o seu musgo e sombras veio imprimir o cunho authentico.

No campo circundante: quintas, casas, conventos e igrejas; o movimento de uma cidade, que o sólo uberrimo tornou opulenta;



Igreja de Santa Maria do Espinheiro

Arredores d'Evora, a 3 kilometros NE.

estradas municipaes mais frequentadas que as reaes de outras partes; o regimen da grande propriedade — as herdades —; exploração agricola em larga escala; cereaes, vinhos alcoholicos, fructas e lacticínios, todas as culturas sachadas; gado suino ás varas sem conto pelos montados; ligeiras ondulações do sólo, logo aproveitadas para moinhos de vento, que o raio um dia ha de fulminar; o soberbo aqueducto, e, finalmente, até larga distancia esses raros vestigios dos celts, e do culto tambem, as *antas*, que os druidas iam fazendo levantar pelas clareiras dos carvalhaes.

Da meza do dolmen á ara do altar — perde-se a imaginação no abyssmo dos tempos — quantos estadios não ha percorridos?

L. F. MARRICAS FERREIRA.



Templo romano ou de Diana

Visto do sul

(*) Ao sr. Gabriel Pereira agradeço penhoradissimo a indicação de algumas das denominações de lugares, e pena tenho de a extensão e o feito do artigo não permitirem aqui outro aproveitamento dos thesours da sua vastissima erudição.

Das gravuras: a do arco de D. Isabel e a da anta, foram devidas a photographias mandadas tirar pelo sr. Leite de Vasconcellos, a quem tenho de agradecer tambem o ter-se obsequiosamente prestado a dar-me todos os esclarecimentos de que necessitasse.

Sobre assumptos de Evora, de antiguidades especialmente, ha hoje uma litteratura abundante, para a qual muito tenho contribuido estes dois illustres archeologos, não era, porém, meu empenho, nem seria este o mais azado jornal para a publicação de uma memoria sobre a interessantissima archeologia de tão antiga cidade.

(**) Quatro estatuas de granito na fachada da igreja da Graça, que o povo denominou:

Martim Chichorro, Gaspar Olhaes, Sancho Martello, Guilherme Graça.



ESTA primeira quinzena de setembro teve a honra — mal o sabe a felicidade! — de se parecer com uma algeibra de casaca do Senhor D. João VI. Sua Magestade — que Deus haja em companhia da Fidelíssima Senhora D. Carlota Joaquina — misturava nas suas algeibras-gavetões rapé, frangos assados, memorias, confeitos e o rol da roupa suja. Creio que foram até as algeibras de Sua Magestade, por este processo de equalidade de regalias, as incubadoras da Carta Constitucional. Pois esta quinzena assemelhou-se muito ás reaes algeibras do pae dos patacos: — facadas, boers falsificados, espancamentos, homens esmagados pelos comboyos, expedição, descarrilamentos, e até almas do outro mundo em Lisboa e Porto!

Quem devia escrever hoje estas notas devia ser um chefe de esquadra de policia, porque constituem a nota da litteratura dos mapas policiaes. — Um encanto de occorrecias, filhinhos! como dizia o Libaninho *D'crime do padre Amaro*, se o appetite de tornar policia os soldados o leveisse a acabar os seus dias sob a farda de policia civil, a fim de prestar a este corpo os mesmos servicos que em Leiria dispensava á tropa.

Aqui está a minha memoria a puxar-me para o Eça de Queiroz, de quem nunca fui intimo — deixem-me declarar o desde já, e com pezar — embora muito o conhecesse na intimidade. E era delicioso vê-lo na intimidade, o Eça de Queiroz, por exemplo, *bon enfant* a marcar uma contradição em casa de pessoa de familia, brincando e rindo! D'uma soresista em casa de Gervasio Lobato, casado com uma prima do Eça... do José Maria como lá o tratavam em vida, e como o tratam depois de morto muitos que para elle eram Marias José! d'uma soresista em casa do Gervasio Lobato, já eu dizendo, me lembro, em que estando-se a adivinhar proverbios, por causa do *cavallo dado não se olha a denté* elle nos fez ir a bandeiras despregadas, fingindo-se obtuso á comprehensão do que se queria fazer adivinhar. E tanto abobou a sua obtusidade que o enredador do proverbio, ao cabo d'uma boa meia hora, voltou-se para um grupo e commentou a meia voz: — Tem muito talento; mas para adivinhar proverbios, coitado, é uma lastima!

Puxa-me a memoria para o Eça de Queiroz, porque a todos os acontecimentos d'estas quinze dias, é ainda o da sua morte que os acachapa. Fasta a rasoura sobre elles, levanta-se a sombra do grande morto, a enternecer alguns, e a promover apparatus para outros. Os primeiros são os que o conheceram bem, os segundos são os que inconscientemente lhe procuram transtornar o nome.

O *Jornal do Commercio* observou, ha dias, que se devia affastar todo de espectáculo ao grande escriptor, porque elle, se possesse voltar a este mundo, o reprovára contrariadissimo. É um facto. Eça de Queiroz nunca pensou em ser popular, e creio mesmo que não lhe agradava a popularidade. Quereria ser apreciado por um grupo de *élite*, nunca applaudido pela multidão.

Pois pouco falta para que não appareçam nas *montras* chapéus á Eça de Queiroz, e se annunciem bolachas á Eça de Queiroz! A sua critica ao burguez foi sempre pelo menos um tudo nada cruel, e quem quer o burguez teche meia porta á passagem do cortejo fúnebre! E o Eça, que não tinha nenhum feitiço de Cesar, aborrecer-se-hia muito com a parodia ao *mortuura te solant!* A manifestação, por ignorancia, ou forçadamente sentida, das suas *victimias* havia forçosamente de desagradar-lhe.

A tomar parte directa nas honras fúnebres deviam concorrer apenas homens de letras, jornalistas e admiradores, que espontaneamente a ellas adherissem. Mais ninguém. O resto é postico e sem sentimento proprio, representando o papel dos dois creados do Morgado de Poyaes, ainda *D'crime do padre Amaro*, a acompanhar o enterro da Amelia. Quem ia alli com sentimento por sua conta, e profunda dôr a traspassar-lhe o coração? O bom abbade Ferrão e o infeliz João Eduardo. Ora d'estes ultimos personagens é que deviam sahir as ultimas honras a Eça de Queiroz, a quem até já estão chamando *distincto* escriptor, a *distincto* de parceria com *distinctos* estudantes de instrucção primaria, *distinctos* amouanese e até *distinctos* sapateiros! Que ainda é parcimonia: — ha dias, li eu n'um jornal que um *costumier*, aliás excellenter rapaz e com muitissima habilidade, era uma das glórias do nosso paiz! Isto por ter confeccionado fates vistosos para varias peças de espectáculo! Camões, Affonso d'Albuquerque e D. João de Castro, que estavam jogando o voltarete no outro mundo, ficariam-se em copas, que é bom naipé.

Meia duzia de abbades Ferrões e de Joões Eduardos a acompanhar o homem de letras (sem adjectivo — coadjutor), e o Eça de Queiroz ficaria muito satisfeito, se ha satisfação no *assento ethereo* a que subiu!

Dois boers falsificados tíri — agora me lembro — das algeibras da casaca do sr. D. João VI, quero dizer da quinzena que findou. Um presume-se que o seja, mas não he certeza: está hospedado na cadeia do Limoeiro, com guarda d'honra de capitão á porta do edificio, á espera d'umas respostas para provar a sua duvidosa identidade. É de importação, chama-se Joseph Neutville. O outro é nacional, producto legitimo de Vianna do Castello, a princeza do Minho, como lhe chamam os nossos poetas. Andou cá pelo sul, Cezimbra, Setubal, Pal-

mella, e Azeitão, varias autoridades examinaram lhe os documentos e reconheceram que estavam em regra, e em Palmella offereceram-lhe um banquete. Foi onde a felicidade mais lhe sorriu: lambeu-se com um banquete em sitio aonde muitos vão sem ferrar o denbe em cousa alguma!

Nós somos facéis em nos deixar illudir por falsos combatentes. Era eu pequeno, mas lembro-me perfeitamente de ter visto aqui pelas ruas, quando foi da guerra franco-prussiana, um intrujitoso, filho d'uma capellista do Rocio, fardado de official francez, de braço ao peito e a coxear por causa d'umas balas... de tiros de meia libra que provavelmente déra á mãe! Intitulava-se ajudante do general Bourbaki, era admirado pelo povo, e desajado por todas as meninas da Baixa, que nos seus quartos andares sonhavam durante a noite com o prazer de o terem por esposo. Ao cabo d'um mez soube-se que o rapazetto nunca passara a fronteira e nem ajudante de pharmacia fóra, quanto mais d'um general! Fizeram-lhe então montaria, a policia quiz deitar-lhe a mão, e elle passou o pé não sei se tambem para Palmella!

Estes boers agora pouco deram; há de servir para as varias revistas do anno que já se esperam. Que lá vae o tempo em que Lisboa tinha uma revista por anno: agora, e não ser nos theatros de declamação e no lyric, quasi todos exploram o genero, que é o de mais agrado para o grande publico. Para a proxima epoca já se annunciaram na Trindade, na Rua dos Condes, no Avenida e no Rato: quatro cosinheiros a fazerem o mesmo guisado, é claro que o tempero, a ornamentação da mesa e a graça da creadita que o servir é que há de exercer influencia no appetite e decidir dos lucros.

Está este genero de produções theatraes muito achincalhado — e vá lá que ultimamente alguma cousa se tem feito para o melhorar! — mas eram de certo as revistas as peças que mais se prestariam a educar o publico, criando-lhe com criterio e proveitosa lição os acontecimentos do anno. Que é a maior parte do theatro de Aristophanes senão uma serie de revistas do anno de critica altamente exercida? Muitos autos de Gil Vicente não constituim revistas, em que as syntheses da Justiça, da Fidalguia, dos Patrões, dos Creados, emfim dos que davam a lei e dos que a recebiam, se apresentavam criticadas ora com satyra cruel ora com brincada ironia? Em D. Francisco Manoel de Mello não se encontra tanta *revista*, bastando citar o *Dialogo das fontes*?

Vieira a descurancia do genero, e a revista caiu em baixo theatro. Ha meia duzia de annos, quiz levantar-se um pouco, mas, uma no cravo outra na ferradura, ainda está muitissimo longe de ser o que deve ser. Em vez de educar, abandalha em geral, e explica-se: sem um bocado de *bandalheira* o Zé não morde na isca!

E a isca é tudo na vida; sem isca nada chama, nada attrae. Foi talvez por isso que tivemos na Feira Franca da Avenida, ao celebrar-se o centenário da India, *iscas* com *batatas*. Muita gente não percebeu a relação entre Vasco da Gama e as *iscas* com *elias* ou *sem elias*, mas o que é facto é que a *Feira* não teria tido tanta concorrencia, se as *iscas* lá não estivessem chamando o Zé.

Agora com afan e enthusiasmo trata-se de organizar a primeira *Festa da cidade*. Promove-a a camara municipal, e é ideia que me alegro ver posta em execução, porque em varios artigos eu e o fallecido Marianno Pina por ella bastante batalhamos. Chovem adhesões, na commissão está o nosso grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, e dia a dia vae crescendo, como disse, o enthusiasmo pela sua realisação. Mas não arranjam para lá uma *isca*, seja de figado, seja do que fór, e adeus minhas encomendas!

E' que todos n'este mundo somos ao mesmo tempo creanças e peixes: precisamos de engodo. Das creanças temos a geral ingenuidade, da maior parte dos peixes a estupidéz: gargalhadinhas e cabeça chata... por dentro.

Barra fóra partiu uma expedição de cerca de 1200 homens para Lourenço Marques. Vae defender a fronteira portugueza de qualquer infracção da nossa neutralidade por parte dos boers, que cada vez mais se approximam dos nossos territorios. Organizada mais rapidamente em nenhum paiz essencialmente militar, excedida em valor e brio por nenhuns soldados do mundo!

Am os soldados alegres, mas deixaram as namoradas tristes. Elles lá foram com o enthusiasmo do dever a absorver-lhes saudades, e com a comunidade a não lhes comover as tristezas que o isolamento d'ellas, coitaditas, uma para aqui, outra para acolá, cá ficaram a dizer com Diogo Bernardes:

Quanto mais longe de ti,
Mais contigo, e mais sem mim!

EDUARDO SCHWALBACH.



A nova Friburgo



Estação do caminho de ferro em Nova Friburgo



Cgreja matriz



Rua General Argollo—Entrada da nova Friburgo



Capella de S. Antonio e Fonte do Suspiro na Praça do Suspiro

Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, está no fundo de um vale estreito, contornado de montes alpestres, cujos altos cabeços apresentam graciosas formas conicas. Atravessa-o o rio Bengalas. Possuindo um clima saluberrimo, fica a 851 m. 51 de altura.



Eu não tenho ninguém que me estremeça,
Ninguém que me dê vida...
E sinto a arder em febre esta cabeça
Onde os sonhos de amor não teem guarida...

Ainda ha pouco Aquelle que eu desejo
Esteve junto a mim,
Mas deixou-me, fugiu-me como um beijo,
Por tuna estrada azul que não tem fim...

E eu a olhar e a gritar para quem passa:
—«Quando virás? Quando virás?»—
E o vento que me canta na vidraça
Nada me diz, nada me tras...

Passam-me camponezas pela porta
E eu digo lhes: «Não vem?»
Mas como trago a alma quasi morta
Ellas resam por mim, e comovidas
Vão-se a chorar tambem...

Até um Sonho que en já tive outróra,
Hoje me não conhece...
Lembro-me bem, era da cor da aurora,
Mas quando o chamo vai-se logo embora,
Passa por mim, desaparece...

Chegam do Mar barcos de Pescadores,
Ruflando ás vélas claras,
E todos teem dô das minhas dores...

Só não me dizem nunca, em meus horrores,
Onde tu páras, onde tu páras...

Em volta do meu ser tudo se evade
E tudo se desfaz...
E eu fico-me a gritar na soledade:
—«Quando virás? Quando virás?»

E só tu vens rever-me a todo o instante,
Mágoas que eu tanto anei!
Mas embora me abracees, sufocante,
Nunca espalhes o aroma inebriante
Dos sonhos que eu sonhei...

Não acordes do fundo da minha alma
As flores por abrir...
Deixa-as sonhar, que o seu sonhar acalma,
Deixa-as dormir, dormir...

Se acaso a voz do Desengano as fôsse
Um dia despertar,
Sonhos de amor, de amor suave e doce,
Lá leis acabar...

As almas innocentes das creanças
Gostam assim tambem,
De andar a architectar molhos de esperanças
Sem que depois lhas vá manchar alguém...

Se apagasses de todo a debil chamma

Desta afeição sem fim,
O meu peito ficava como a lama
Que fôsse já jardim...

Por isso, do meu pobre Coração
As flores de luar,
Deixa-as dormir o sono da Ilusão...
Deixa-as sonhar, sonhar...

Deixa sonhar quem de sonhar só vive
E quem do amor accorre á triste bóda...
Eu queria levar a vida toda
Sonhando sempre os sonhos que já tive...

Quando, da Vida no fugaz declive,
A alma só em sonhos se acomóda,
Temos de os olhos ir deitando em roda,
Sempre em busca de alguém que nos cative...

Tendo quem junque de illusões queridas
Esta sena de abróchos que nos cansa,
Nunca sentimos tanto as nossas feridas...

Porque esta vida, sem amor, decorre
Entre um grito de dôr e outro de esperança,
Entre um sonho que nasce e outro que morre...

Ribeiro de Carvalho.

(Do poema recente Dolares
— Agneta deima tística)

A missão de Boroma

I

A missão da Zambézia deve a sua existência ao Summo Pontífice que desejava também reunir estes povos ao rebanho de Nosso Senhor. A política dos missionários catholicos desde os primeiros d'ose apostolos era e será: — "Padre Nosso que estaeas nos Ceus, etc., — A dignidade d'um missionario é tão alta que



Padre Hilber com um alamo

excede toda a nacionalidade e politica do mundo; somos commissarios de Deus, do Deus de todas as nações; e onde quer que nos mande a Santa Madre Igreja seremos sempre servos fieis do governo que ali existir, dando até o nosso sangue se for preciso.

Os poderes do governo bem como os da Igreja dimanam do mesmo Deus.

A missão da Zambézia foi entregue á companhia de Jesus e devia desde o seu principio estabelecer-se no Zambézia superior muito longe de qualquer occupação européa. O primeiro superior foi um Belgá, Padre Depelvhise e os seus companheiros eram missionarios da Allemanha, Austria, Italia, Belgica, França, Polonia e Hollanda.

Na persuasão de que poderiam menos difficilmente alcançar o Zambézia superior indo por terra, pois que a navegação do rio era então pouco conhecida e morrosissima, escolheram a cidade de Grahamstown na

colônia de Cabo da Boa Esperança como sede principal no base d'operações, e d'ali jorndecaram em carros para o seu destino pelo sertão desconhecido dentro para o Norte. Para não horrorisar o leitor omitirei a narração das mortes por doenças, envenenamentos, desastres e outras desgraças que foram experimentadas por estes heroicos campeões da fé.

Quivindo o grande africanista e benemerito coronel Paiva d'Andrada que tinha sido organizada uma missão na Zambézia superior, pediu ao Rev.^o Padre geral da companhia de Jesus que mandasse um missionario para o baixo Zambézia. O pedido foi logo deferido, e no anno seguinte, em 1880 chegou o P.^o Dejouz (francez) como superior para Quillimane, vindo depois o P.^o austriaco Heep, o polaco Gabriel, o portuguez Antunes e dois irmãos auxiliares.

Achando-se então a villa de Quillimane muito insalubre foram os Padres estabelecer-se em Mopéa e Tete, indo para esta ultima villa o P.^o Antunes com o irmão auxiliar Ferreira. Em Mopéa encontraram apenas uma pequena casa com dois quartos para seis pessoas; e antes que podessem dar principio á construção de casa mais vasta, foram atacados pela febre palustre e pela dysenteria, morrendo logo um padre e um irmão auxiliar, e sendo os restantes soccorridos e abrigados pelo pessoal da Companhia do

assucar e outros habitantes de Quillimane que assim lhes salvaram as vidas.

Em Tete o P.^o Antunes teve sorte muito parecida, adoeceu gravemente e desceu para Mopéa.



Sacristia com pombo

Em 1882 foi em Quillimane fundado o Collegio do Bom Jesus enquanto na Mopéa lá se iam instalando e acimando com mais ou menos difficuldade os outros padres. Em substituição dos que ti-



A nova igreja e a residencia dos Padres

nham morrido foram mandados da Europa os Padres Vierin, Molinari e Courtois, dos quaes os dois ultimos destinados a Tete. O P.^o Molinari foi adiante com o irmão Ferreira levando comsigo

multas provisões e materias para fundar uma missão e uma escola no valor approximado de 1.500\$000 réis. Um mez depois partiu tambem o P.^o Courtois em direcção a Tete, mas já lá não encontrou o seu collega Molinari que tinha morrido de uma febre biliosa, sendo todas as mobílias e provisões da missão vendidas pouco depois em leilão por um negociante da India grotescamente arvorado em Juiz, pelo preço de 300\$00 réis.

O P.^o Courtois que esperava encontrar todo o necessario, nada levou comsigo e, nada achou na missão, porque os mesmos miserios 200\$000 réis, producto do leilão, nunca lhe foram entregues! E o pobre padre encontrou-se na maior miséria visto que n'esse tempo os missionarios de nacionalidade ex-



Dentro do milho



Antiga casa das Missões hoje casa dos Irmãos



Os primeiros grandes chefes baptizados com diversos alumnos casados no mesmo dia

trangeira não recebiam do Estado qualquer subsidio. O superior da missão mandou logo o P.^o Rivière para ajudar o P.^o Courtois, bem como mais provisões; mas tendo este P.^o Rivière adoecido gravemente no seu escalcar com uma febre biliosa, foi roado pelo pretos, e á sua chegada a Tete morreu logo.

Em Mopé trabalhava o P.^o Gabriel com grande energia na conversão dos pretos. Aprendeu a lingua indigena e chegou a compôr uma grammatica; mas adoeceu e teve que recolher á Europa indo substituil-o no Zambeze o padre que subscreve estas linhas. Estava então dirigindo interinamente a dita missão de Mopé o P.^o Verim, mas morreu antes de lá chegarmos, encontrando nós a missão a cargo do irmão auxiliar Rieder.

Demorámo-nos quatro mezes na Mopé em luta com as febres, e dediquei-me a aprender o portuguez e o cafreal e compoendo um catecismo n'esta ultima lingua. Tendo recolhido á Mopé o P.^o Gabriel com o P.^o austriaco Vesteneck, tomaram elles conta da missão seguindo eu para Tete para ajudar o P.^o Courtois.

Tres mezes depois d'isto falleceu na Mopé o P.^o Vesteneck com uma biliosa, e dias depois era a missão saqueada por pretos revoltosos. Após tanto infortunio foi abandonada a estação de Mopé e transferida para Sena onde em breve praso morreu o missionario P.^o Rabier. Tudo isto mostra que se as missões catholicas são fundadas sobre a Cruz de Nosso Senhor, os caminhos dos missionarios são regados com lagrimas e muitas vezes com sangue, sem que elles tenham para attenuar as suas amarguras a minima consolação terrena!

Quando chegámos a Tete não encontrámos por essa vasta e feracissima Zambézia um unico preto christão; e depois de termos trabalhado durante tres annos, não tínhamos ganho muitas almas para o gremio da Igreja, e não ser um ou outro muleque que tínhamos baptizado mas que continuava a viver gentilicamente.

Deveríamos desanimar? Deveríamos abandonar este campo que



Casa dos fornos e a capella construida em 1801

tão esteril se nos apresentava? que tantas vidas preciosas tinha já custado? Certamente que não. Tínhamos ensaiado muitos processos mas ainda um novo foi posto em pratica: consistia em principiar pelas creanças e chegar pela conversão d'ellas aos adultos pela persuasão que é incutida pelo exemplo. Levaria isso muitos annos é certo; mas tambem um tronco d'arvore não se accende de repente com um phosphoro; só isso se consegue lentamente e com o auxilio de lenha miada.

Mas onde encontraríamos discipulos? nenhum preto manda espontaneamente seu filho á escola ou o entrega ao Padre para lhe fazer a educação; a escola era só frequentada por filhos de brancos ou de mulatos que ali são conhecidos pela designação de *muzungos*.

Resolvemos então escolher uma localidade distante da villa de Tete para fundar no meio dos pretos uma escola e para d'ali fazermos irradiar a luz da Fé. Assim foi escolhido o praso Boroma como sendo o mais conveniente.

Depois de ter estudado a lingua indigena em Tete e composto um catecismo, partimos para Boroma a 13 de Maio de 1885 ficando o P.^o Courtois a parochiar em Tete. O Snr. Bispo de Philadelphía prelado então de Moçambique approvou a fundação d'essa missão e mandou desde essa occasião abonar o vencimento aos missionarios. Foi tambem para Boroma o irmão Pryda.

O P.^o Gabriel desejando fundar tambem no Zumbo uma escola como a de Boroma partiu para o poente animado do melhor zelo, mas morreu em Chigarinde victima de uma febre biliosa, sendo levantada uma alta cruz nesse logar que é bem visivel do rio, e que indica o logar do eterno descanso do pobre martyr.

Em Foroma instalámo-nos em um armazem de mapira, sem ja-



Na outra banda do praso Chimambo. Um mangueiral com ruinas do antigo convento

nella, improprio e cheio de ratos; tendo contudo a promessa do arrendatario do praso Charles Chastaing de que nos ajudaria na construção de uma casa para escola.

Nas para os pobres missionarios nem todos os caminhos estão cobertos de rosas, alguns tem espinhos e espinhos bem duros. Não convinha ao arrendatario nem em geral aos habitantes de Tete que os pretos até então ingenuos e boçaes, fossem instruidos e feitos christãos; o obscurantismo e a ignorancia do preto é que convinham a quem os explorava e fazia por



Um alumno

isso a riqueza do branco. Um matical d'ouro por exemplo era comprado da mão do preto por 18000 ou 18200 réis em fazendas e renda em Quilimane 58000 réis.

A missão de Boroma foi portanto recobida com a mais decidida hostilidade porque era necessário expulsar-se o missionario; o arrendatario do praso devia ser o ariete do assalto. Seria difficil descrever aqui tudo quanto padeci com as villanias do dito potentado, e depois de mim o P.^o Czimmerman.

A missão comprou a um preto uns cem metros de terreno para fazer uma horta, mas o preto foi logo castigado e despojado do resto da sua varzea, para que não vendesse mais terras aos Padres. Prohibiu-se aos colonos do praso que vendessem mantimentos á missão; a mapira, os cabritos e as galinhas de que precisavam os missionarios para seu sustento tinham que o ir comprar longe, de noite, ao matto principalmente do outro lado do rio em terras da Macanga. Para arranjar trabalhadores havia iguaes difficuldades, sendo portanto impossivel pensar-se em edificar qualquer nova construção, apesar de tão mal se estar no reles armazem de mapira durante dois annos. Mais tarde, e graças á intervenção vallosa do cidadão Anacleto Nunes e da gente do seu praso, foi edificada uma nova casa, escola e capella onde em novembro de 1888 ponde ser recebido o governador geral da provincia Augusto de Castilho. As autoridades tinham tido sempre a melhor vontade de ajudar a missão; mas áquella distancia todos os seus esforços eram frustrados pelas malquerenças e pequeninas resistencias que levantavam no seu caminho o arrendatario de Boroma e outros inimigos da missão.

O systema dos prasos não é bom na nossa opinião para desenvolver uma provincia vasta como esta; e uma missão assim estabelecida em um praso arrendado a terceiro não pode progredir. Os interesses do arrendatario e do missionario serão sempre incompatíveis e oppostos tanto material como moralmente. Os alumnos para a escola tinham que ser por nós resgatados da escravidão que existia por toda a parte mais ou menos disfarçada. No 1.^o anno só achámos seis, um dos quaes é hoje catechista e professor na escola do Zumbo, tendo saído da misera condição de escravo do Bonga que o deu como saguete ao P.^o Courtois.

P.^o João HILLER.



FRANCISCO CABRAL MONCADA

NOVO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

Jurisconsulto distincto, parlamentar de palavra facil e elegantissima, e ajudante do Procurador Geral da Corta



Um Livro

Foi recentemente publicado um livro de 397 paginas em 8.^o, com a divisa — *Es pur si muove* —, e cujo author, cursando com distincção nas lides da imprensa, adoptou o pseudonymo de *Nemo*. Divide-se a obra em duas partes — uma didactica com o titulo de *Afirmações*, outra polemica com o de *Criticas*.

Na primeira parte faz o author a sua profissão de fé catholica, como sincero e fervoroso crente, e demonstra, com argumentação bem deduzida, que a fé é racional, e não pode haver desacordo entre o dogma e as descobertas da sciencia, competentemente verificadas. Mostra-se elle eminentemente versado no estudo das doutrinas biblicas, da tradição e dos escriptos dos santos padres, e as paginas do seu livro revocam á memoria os excellentes artigos apologeticos e criticos publicados em tempo por Souza Monteiro no seu acreditado jornal *O Bem Publico*.

A fé é racional, porque os motivos de credibilidade são devidamente ponderados pelo entendimento, antes que a razão se submetta ao juizo

suave da fé, admitindo os mysterios d'ordem sobrenatural, ou verdadeas reveladas que não pode comprehender.

Os dogmas não são obra do ingenho humano. A igreja e o seu chefe visivel não inventam, nem fabricam dogmas, apenas os definem como verdadeas fundamentaes da religião de Christo, contidas nas escripturas e na tradição, e as quaes foram sempre objecto da creença universal — *quod semper, quod ubique e quod ab omnibus*. — Taaes definições sobre materia dogmatica e moral são infallíveis e immutaveis, porque o divino fundador da religião prometteu assistir á sua igreja até á consummação dos seculos. E como não ha verdade contra verdade, conclue *Nemo*, que não pode haver conflicto entre a sciencia e a revelação.

Não sempre respeitaveis os ensinamentos e desgnios da igreja, mas para que as suas definições em materia dogmatica e moral possam considerar-se infallíveis, é necessario que sejam por elle pronunciadas nos concilios ecumenicos, ou pelo soberano pontifice, fallando *ex cathedra* ao orbe catholico.

A disciplina e os ritos são variaveis conforme os tempos e os logares, e tem de accommodar-se ás circumstancias, para não estarem em contradicção com as necessidades e os costumes.

E' esta a doutrina orthodoxa.

A igreja docente não pode deixar de ser intolerante e reaccionaria, como guarda vigilante da fé e dos costumes, isto é, não pode abster-se de condemnar as doutrinas heterodoxas, contrarias ao dogma e á moral, e de punir com penas espirituas aquelles que se mostram pertinazes e impenitentes no erro, mas a perseguição por motivos religiosos não se condna com o espirito da lei evangelica, nem convence os que pensam livremente, segundo as livres formulas da razão natural. A perseguição não só é inutil, senão tambem contraproducente, e, quando muito só pode crear hypocritas.

Na segunda parte occupa-se o author do livro do dr. Bombarda — *A Sciencia e o Sentimento, ou Replica a um Padre Sobio*, e faz referencias a um escripto do Sr. Teixeira de Queiroz sobre o centenario antonino e o congresso catholico que na occasião se reuniu em S. Vicente de Fóra.

Foi o padre sobio, reverendo Sant'Anna Fernandes, arguido pelo Dr. Bombarda, de ter falsificado e mutilado algumas passagens do seu livro — *A consciencia e o Livre Arbitrio*, na refutação que d'elle pretendeu fazer, assim como de não ter comprehendido as doutrinas de alguns escriptores que citou e de manifestar ignorancia sobre certos pontos de anatomia e de physiologia, quando argumenta com hypotheses obsoletas condemnadas pelas investigações da sciencia moderna.

Nemo intenta mostrar, que estas arguições são desituidas de fundamento, e que não merecia a pena escrever-se um pamphletto, como chama á replica do Dr. Bombarda, para atacar o adversario sobre pontos de secundaria importancia, ou ainda sobre simples lapsos e descuidos de redacção, deixando o principal em aberto e sem resposta. Contesta tambem algumas accusações feitas á companhia de Jesus, e cita factos historicos que denunciam actos de requintada crueldade ordenados pelo poder civil, mais injustos e atrozes do que aquelles que são attribuidos ás autoridades ecclesiasticas.

Pelo que respeita ao escripto do Sr. Teixeira de Queiroz encara a celebração do centenario antonino sob dois pontos de vista — profano e religioso: reprova o espectáculo indecoroso do cortejo de flamengos e doncellas espiritas, nas ruas de Lisboa, e consagra algumas palavras de louvor á homenagem festiva prestada á memoria do santo mais querido e popular d'este reino, exaltando ao mesmo tempo os intuitos e vantagens do congresso catholico reunido em S. Vicente de Fóra, á imitação do que se pratica em outros paizes mais civilizados.

Como se vê, *Nemo* segue na esteira do reverendo Sant'Anna Fernandes, em defeza dos principios religiosos, mas é menos brusco e intolerante, do que aquelle, posto que ainda a paginas 118 do seu livro capitula de *vingança mesquinha e condemnavel* a replica do Dr. Bombarda, que aliás fôr tratado pelo padre com um desabrimto incompativel com a caridade evangelica, de que se faz tanto alarde, como se os ecclesiasticos estivessem dispensados de ser benevolos e corteses para com os adversarios. Em linguagem por vezes severa mas sem objurgatorias nem chocarrias, descaídas em um pleito scientifico, defende *Nemo* a doutrina catholica e a autoridade da igreja contra os assaltos da impudicicia, como lhe chamam, empregando os melhores argumentos que ponde colher na lição de escriptores de boa nota.

A dicção é correctissima, o estylo proprio e o portuguez castiço. Na dialectica mostra o author uma notavel lucidez de intelligencia e são criterio, e se algumas vezes se exprime com certa vehemencia, propria da sua idiosyncrasia e da firmeza de suas convicções, não insulta, todavia, o adversario com epithetos injuriosos, nem deprecia desdenhosamente o merecimento alheio. Para corroborar as suas doutrinas socorre-se á autoridade de escriptores distinctos nas sciencias e nas letras, mas não enfada por superabundancia de citações, nem confunde o leitor com metaphysicas abstrusas e artificios de palavreado redundante e capcioso.

Em summa, *Nemo* pretende convencer, só á força de argumentos, da falsidade das doutrinas denominadas impias, e, tendo os seus creditos bem firmados como escriptor distincto, pode considerar-se como propagandista interessado e polemista correcto e bem educado.

Com a publicação da sua obra prestou um bom serviço á causa que defende.



O amador e o manequim

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora
 Largo do Conde Barão, 30
 Páginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.ª
 Rua da Assumpção, 15 e 14
 Romance: Typographia Castanheteiro
 Calçada de S. Francisco, 13

Directores
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares
 Editor
 Luis Antonio Sanchez
 Repação e administração—Rua Ivens, 59
 LISBOA
 Endereço telegraphico—BRATUOAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA e ESTRANGEIRO
Anno.....	(moeda brasileira.....)	Anno.....	Anno.....
Numero avulsos		6 meses.....	6 meses.....
		3 meses.....	3 meses.....
		Numero avulsos.....	Numero avulsos.....

SUMMARY

Camelo Lampreia—Novo ministro de Portugal no Brasil.
 Chronica electrica—*Brasil-Portugal*.
 O collegio de S. Vincente de Paulo, em Petropolis.
 Eça de Queiroz—Folho d'Amicia.
 Postas em Collares.
 Regresso dos bombeiros do Porto premiados em Paris.
 Typo de belleza.
 Evora—L. F. Matricas Ferreira.
 Notas da quinzena—Estadão Schwalbach.
 A nova Friburgo.
 Versos do poema recente «Dolores»—Ribeiro de Carvalho.
 A missão de Boroma—H. Padre João Illier.
 Francisco Cabral Moncada—Novo governador geral de Angola.
 Um livro—J. J. de Silva.
 O smador e o maçoquin (conto mudo)—E. Courboin.

Páginas supplementares

O n.º 41.
 Lorjô Tavares.
 Amãchã do «Brasil-Portugal» para 1901.
 Sciencia facti.
 Anecdotes e pensamentos.
 Sanatorio do Outeiro—Almeida d'Eça.
 Carlota da Oliveira.
 Timonachia.
 Bibliographia.
 Invocação—Fernando Caldeira.
 52 IL. U. THACOE

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alameda, 4, sobrado).
 PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.
 PARAIBA—J. H. dos Santos & C.ª (Livrar'ia Classica—Rua João Alfredo, 50).
 MANGABE—Lino Aguiar & C.ª
 MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.ª
 CEARA—Sales Torres & C.ª
 BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livrar'ia Magalhães—Rua Direita do Palácio, 28).
 FLORESTA—Carlos Pinto & C.ª (Livrar'ia Americana).
 PORTO ALGORE—Carlos Pinto & C.ª (Livrar'ia Americana).
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livrar'ia Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Oscar A. Gouveia da Silva Roquem, Thesoureiro geral da Provincia.

MORSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.

QUELIMANE—Henrique Lima.

BENGUELA (Egypto)—Mathias & Tavares.

No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte, Antonio Couto Fernandes, Rua do Almada, 431, 1.º)

EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, director de fiscalizacao dos tabacos.

BENAVENTE—J. N. S. Jarvalvo.

PONTE DE LIMA—Guns, Amoral & Com.ª

COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco de (vo, 12.º)

O N.º 41

O BRASIL-PORTUGAL no seu proximo numero de 1 de outubro prestará uma homenagem a Eça de Queiroz dando instantaneos interessantissimos do seu funeral. Esse numero occupar-se ha tambem da ultima expedição que partiu para Lourenço Marques.

LORJÓ TAVARES

Está ha tres semanas em S. Paulo (Brasil) o nosso presado director Lo jô Tavares que incansavel sempre na propaganda da nossa Revista continúa percorrendo varios Estados brasileiros.

De alguns jornaes Paulistas, transcrevemos a noticia da visita que o nosso collego tem feito ás suas redações.

Do Correio Paulistano:

«Tivemos hontem o prazer de receber a visita do nosso distincto collego da imprensa portugueza sr. Lorjô Tavares, director da apreciada revista illustrada *Brasil-Portugal*, que vê a luz em Lisboa.

O illustre confrade, que, de ha algum tempo, encetou viagem de propaganda, no nosso paiz, em favor d'aquella excellente publicação, já per-

correu os Estados do Norte, tendo marcado em S. Paulo o termo da sua excursão.

Estamos certos de que esta ser-lhe ha muitissimo proveitosa, pois o «*Brasil-Portugal*» é uma das publicações mais bem feitas no genero, podendo rivalisar com as melhores de outros paizes que em geral assignamos, e tem a vantagem, para nós apreciavel, de ser collaborada pelos mais fins escriptores portuguezes e brasileiros da moderna geração litteraria.

Gratos ao distincto confrade pela gentileza da visita, desejamos-lhe a mais agradável permanencia no nosso Estado.»

Do Commercio de S. Paulo:

«Acompanhado do commendador Daniel Monteiro de Abreu, chanceller do consulado de Portugal, visitou-nos hontem o distincto litterato sr. Lorjô Tavares.

O nosso talentoso collego é, juntamente com o conselheiro Augusto de Castilho e Jayme Victor, redactor da excellente revista «*Brasil-Portugal*», que com tanto successo se publica em Lisboa.

O sr. Lorjô Tavares veio a S. Paulo em propaganda do scintillante quinzenario lisbonense.

De O Estado de S. Paulo:

«Recebemos a visita do escriptor portuguez sr. Lorjô Tavares, representante da excellente publicação illustrada *Brasil-Portugal*.

O sr. Lorjô Tavares parte brevemente para o interior do Estado em propaganda do seu jornal.»

Do «Diario Popular»:

«Recebemos hoje a amavel visita do sr. Lorjô Tavares, nosso presado collego, director da revista illustrada *Brasil-Portugal* que se publica em Lisboa.

Gratos pela gentileza cumprimentamos-o.»

Estudar e amar o passado não nos impede de sermos homens do nosso tempo.

—E então como vai você?

—Mal... tenho uma angina lá em casa...
 —Eu já tive d'isso, mas foi na garganta.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

ALMANACH DO «BRASIL-PORTUGAL»

Para 1901

Para o almanach que esta Revista vai publicar para o anno de 1901, e que será um verdadeiro primor artistico e litterario, recebem-se ainda annuncios na administração da Empresa, em Lisboa, e em todas as suas agencias em Portugal, Brasil e Africa.

A tiragem excepcional de 50.000 exemplares assegura a todos os srs. annunciantes uma enorme propaganda dos seus artigos em todos os Estados Unidos do Brasil.

O casamento ensina-nos melhor a supportar os males da vida que os favores da fortuna.

O que ha de recrear não é a liberdade seja annunciada, mas que ella se queira.

SCIENCIA FACIL

o phosphoro

Por meio do phosphoro podem-se executar um grande numero de experiencias chemicas. Já algumas foram descriptas nesta secção; vamos hoje descrever mais algumas.

Desenhem-se n'uma parede ou mandam-se fazer dois bonecos: fixe-se, na bocca de um d'elles, um pequeno fragmento de phosphoro e na do outro uma pouca de polvora.

Em seguida, diz-se aos espectadores que um d'estes bonecos pode apagar uma vella, e que o outro ao contrario tem a propriedade de a acender. Para demonstrar a verdade da asserção apresenta-se a vella acesa deante da bocca do boneco da polvora; esta faz explosão e a vella apaga-se; apresentando-se a mesma ainda queate ao outro boneco o phosphoro inflama-se e acende a vella.

Pode-se variar esta experiencia introduzindo no pavio d'uma vella um fragmento de phosphoro. Tocando o pavio da vella com a ponta d'uma espada previamente aquecida acende-se a vella.

Se se acende um fragmento de phosphoro e se se introduz n'um frasco cheio de oxigenio, vê-se esse phosphoro arder com grande brilho produzindo fumo branco solúvel em agua.

Se em vez de oxigenio for chloro o que nós tivemos no frasco, o phosphoro inflamar-se-ha espontaneamente.

Tambem arde muito bem no protoxydo de azote e ainda debaixo de agua.

Para isto colloca-se o phosphoro (a) n'uma vaso com agua (b) e faz-se chegar até elle o oxigenio contido em uma bexiga (c) por meio d'um tubo (d). Vê-se então relampagos brilhantes sulcar o liquido ao mesmo tempo que se forma phosphoro vermelho.

Dissolvendo um pouco de phosphoro em sulfureto de carbonoe, e introduzindo um papel na soluçõo este inflamar-se-ha logo que o sulfureto de carbonoe se evapora.

Collocando no fundo de um copo com agua, phosphoro, chlorato de potassa, em quantidade superior á que a agua pode dissolver e fazendo chegar no fundo do copo por meio de um funil um pouco de acido sulfurico vê-se produzir uma viva reacção e ao mesmo tempo que jactos luminosos percorrem o liquido em todas as direcções; esta experiencia deve ser feita com bastante cuidado a fim de evitar projecções de liquido.



O SANATORIO DO OUTÃO

A commissão de propaganda da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, que por iniciativa de S. M. a Rainha fundou um Sanatorio em Outão, acaba de publicar um curioso folheto, reproduzindo os artigos publicados pelos srs. Almeida d'Éca e drs. Alfredo Luiz Lopes, Antonio de Lencastre e Alfredo da Costa, quando se inaugurou o Sanatorio, a 6 de junho, festa da qual o *Brasil-Portugal* deu grandes *cliques*.

Do artigo historico, firmado pelo primeiro d'estes cavalheiros, official de marinha distincto, destacamos estes periodos, que dão bem a ideia da transformação soffrida pelo velho castello.

OUTÃO

Vae-se a pouco e pouco modificando a paisagem ao sair de Setúbal. Para fóra da gargantilha de lanarjens verdejentes, que rodeiam a princeza do Sado, a estrada serpeia a meia encosta, por vezes subindo um tanto, por vezes descendo quasi a deixar-se molhar pelas aguas do estuario, e mostrando do lado de terra a vegetação ainda regular do monte de S. Luiz e das quintas que elle protege das nortadas, do lado do mar a ria que banha Setúbal.

Mas, caminhando sempre, sente-se a transformação successiva: já se passou Albarquel, chegase a Comendado, e então o contraste é completo. Desapparecem as ultimas arvores, acabam os vinhedos e hortas, ergue-se altiva, serena, a serra da Arrabida, quasi uniforme no tom arrojado da urza que d'alto a baixo a cobre d'aquele lado, e só a espaços como que sangrada pelas riscas do grez rubro que afflora. E em contrapelo com a serra, o estuario já ficou para trás, bem limitado pelo cabbello de Tróia; já a costa allargase em curva enorme, abrangendo o mar e a occidente se assina a serra de S. Vicente, até a tremulida do horizonte estuafucado n'estas dias de calma. Panorama extansissimo, grandioso, harmonico, em que se não sabe qual mais admirar, se as linhas gerues que o circumscrevem e definem, se certas particularidades localizadas n'um recanto da praia ou n'uma quebrada da serra, se o matizado das cores na terra e no mar, n'este ultimo tipo variadas, desde o apalmo transparente junto aos pequenos areas da beirada, pelo verde glauco dos maiores fundos, até ao azul d'ago polido das aguas do porto.

Mais alguns passos, o encanto redobra, o panorama attinge o sublime. A Arrabida cõe a prumo sobre o mar; são dois gigantes irmãos agora na serenidade do immenso; a serra nem já consente caminho, a estrada acaba; o mar, esse é ampla estrada, sulcada a espaços por bancas de vellas tirantadas, que fazem destacar no azul das aguas o tom alarinjado com que são tintas.

Tais paisagens maritimas raro se poderá dizer com acerto que sejam lindas. São graves, são sérias, severas por vezes, quasi sempre bellas, nunca vulgares nem tediosas. E como ellas são, assim ellas fazem pensar. Haveis de ter visto: cabecinhas velhas, no viço da mocidade na alegria da vida, chalarando e doidejando na matta verde no campo, quando vão á beira-mar a breve trecho socegam, falam mais baixo, por fim o sublime espectáculo domina-se, e ellas quedam-se a meditar.

Pois foi alli, onde parece fíndar o mundo habitado e onde começa o mar clamoroso, que a mão do homem ergueo edificio, sob muitos aspectos notavel.

Tem, como os livros, seus fados as construcções humanas. Thermas, cathedraes, palacios, mosteiros, castello, são livros onde cada pedra é uma folha que fala. E como os livros muito velhos e muito lidos, tem elles notas, emendas, acrescentos, restaura, encadernações novas a destoar do tempo em que foram erigidos; tem ás vezes mais de uma edição, o edificio *velho* e edificio *novos*. Depois, com o andar dos tempos, as couzas confundem-se, caxo a destruir a traça primitiva, o que é original do que foi introduzido mais tarde, como da liada e da Olyssa não se sabe bem o que pertence aos thapodos e o que é obra dos letrados do tempo de Salom e Pisistrato.

Difficil coisa ler correntemente n'um edificio; creio que poucos o sabem; mas sinto bem como será grande o contentamento de quem o possa fazer. Então o edificio é livro aberto, onde se vão percorrendo as phases da Historia, os dra-

mas de que elle foi theatro, e a breve trecho cuida-se estar presenciando essas scenas, reconstituem-se, como se usa dizer, e comprehendem-se melhor que na linguagem escripta.

Quereis um exemplo? Ide ao Outão.

A torre *velha*, o *o pharol velho*; e a primeira edificação, a meia encosta ergue-se a prumo, singular nas suas arestas e recantos, resacas do do tom sombrio da Arrabida. Quem a mandou construir, não sei. Mas quando a vi pela primeira vez, um milharite poivara por cima d'ella a grande altura. E' claro; castello e ave de rapina completam-se. O castello foi sem duvida uma das primeiras construcções com os freires de S. Affonso que apressaram a senhorar nas terras e terrenos conquistados aos Mouros, e que D. Henrique Henriques lhes doára. Seria viga ou atalaia que esprietasse a um tempo o adito do mar e o caminho da serra, tanto mais que por ali passa a unica vareda que põe a baixa da ribeira d'Arabil em communicação com o cume da Arrabida.

Seja como fór, com o andar dos tempos tornou-se necessaria a segunda edificação. A torre do Outão, verdadeira *torre*, ficou em um só corpo, mandou-a construir D. João I. Está-se a ver; não havia já que recrear de Mouros, mas de Castella, apesar das pazes, sempre era bom estar prevenido, não viessem de novo as galés de Teodoro como no tempo de D. Fernando. E depois a recente invenção dos *trons* pedia fortificações mais ao lume de agua; já não serviam as atalaias alcanoradas nos pinaceros. E tambem começava a olhar para *almoxar*, o commercio marítimo desenvolvia-se, Setúbal crescia e importancia.

D'essa torre de D. João I, dedicada a S. Thiago, o que resta hoje? Diga-o quem souber. Contudo o corpo central que dá para a grande esplanada, mostra ainda agora um perfil tão elegante, duas janellas abertas nos angulos do ultimo pavimento, outras particularidades mais, que parece ser essa a parte da actual construcção que remonta ao tempo de Mestre d'Aviz.

Desde essa epocha a Torre de Outão começou a servir e a ser falada; ampliaram-na D. Manuel e D. Sebastião. Impossivel dizer o que foram essas ampliações, essas notas ao primitivo livro; vão lá discriminar os acrescentos na applicação dos bastiões levantados, das escadas interiores, dos quartos escusados, dos recantos intrincados, dos subterraneos ao nível e abaixo de agua! E a Torre, feita para guarda contra o castello, não cumpriu o seu dever. Quando depois da morte do Cardenal-Rei, o duque d'Alba veio a Portugal e quiz aboridar a Setúbal, a Torre de Outão foi a unica que resistiu ali.

Seria por odio a Outão que os Hespanhoes mandaram fazer o castello de S. Filipe?

O certo é que, depois da Restauração, logo D. João IV mandou ampliar a torre *real*, concluindo-se a obra no tempo da ruína de Luiz, o primeiro fortaleza (diz a inscripção) que se acabou n'este reino depois da sua liberdade. As ampliações ao velho livro foram d'esta vez bem grandes, como o exigia o novo systema de fortificação; baterias sobre o mar, cortinas de encontro a serra, de enorme espessura, revelam que as defendessem, divisões internas mais espaçosas, tudo veio augmentar a confusão para quem hoje quer saber; e tudo veio a ser theatro de dramas variados, como a primeira de Matias d'Albuquerque, ou os amores da filha de um governador da Torre com o irmão d'Elmano.

Correm os tempos. Outro recio de invasão estrangeira, e Outão recebe novas ampliações; foi em 1793, quando começavam a sentir-se os primeiros abalos d'esse terramoto que de Franca havia de communicar-se ao mundo inteiro; já está a prolixo inscripção, esmiuçando o que então se fez.

ALMEIDA D'ÉCA.

A orthographia nada é, a lingua é tudo. Escreve-se a lingua e a nossa lingua como se sabe mas a grande maioria não a sabe.

O fim da educação feminina não deve ser transformar a mulher n'um dictionario.

Querendo trabalhar bem, é um erro querer trabalhar depressa.

De Taine: O estomago é a consciencia do corpo.

O CARTAZ DA QUINZENA



Quasi que não ha cartaz esta quinzena. O verão prolonga-se e debalde se pede as esquinas da rua, uma noticiainha theatral. Só o

Theatro da Trindade

enche todas as noites com a peça de grande espectáculo *A volta ao mundo em 80 dias*, essa extraordinaria aventura de Julio Verne.

Theatro de D. Amelia

A companhia Rosas & Brazão inaugura os seus espectáculos na noite de 15 de junho. Entre os originaes portuguezes com que conta ha uma comedia de Eduardo Schwalbach.

TAUROMACHIA

A praça d'Alges reabriu as suas portas no dia 2 do corrente, para dar uma corrida promovida pelo artistico e primoroso equitador Joaquim Alves.

Na lide a cavallo, além do beneficiado, intervieram tambem os seus collegas no *rejone*, Fernan'o d'Oliveira e Simões Serra, e a pé João Calabaça, Jorge Cadete, José Martins, Torres Branco, Manoel dos Santos, Thadeu e Thomaz da Rocha.

O primeiro logar merece-o de direito, e tambem porque andou muitissimo bem, o grande cavalleiro Fernando d'Oliveira, que, tendo ultimamente adquirido um cavallo proprio para a lide, está manifestando agora, sem pezar nem difficuldades, o muito que sempre soube do seu officio.

Simões Serra, que sabe d'equitação como professor que é, sempre modesto e donairoso. Sem exaggeros, lidou os seus touros com apurmo e valentia.

Joaquim Alves não ouviu applausos de favor, porque competiu com os seus collegas, delectando os amadores com a exhibição das suas faculdades de equitador.

Este artista a cavallo é uma estatua, e, posto que seja franzino, faz sempre excellente figura, por ser de apparencia agradável e insinuante.

Os brindes que recebeu foram muitos e de varias qualidades, pois não lhe faltaram flores, artees completos para o seu cavallo de cortez, tinteiros, charutos, relógios, pombos, etc.

O touro a pé, na parte referente à *brega*, deixou a desejar, porque os artistas ainda não se compenetraram da antigagem que ha em se combinarem para *abrirer* e *aguentar* depois os touros nos *medios*, além de deixarem livres para os cavalleiros os terrenos de dentro.

Bandarilheiro satisfizeram, collocando todos bons pares *cuarteando* com ferros largos e dos de palmo.

Não houve *trasteo* de *molets*, mas em compensação viram-se bastantes passes de capa, baixando-se ao cabeção nos bichos de Victorino Fróes e de Emilio Infante, que por agora cumpriram escassamente.

O 7.^o touro desembolou-se depois de levar uns pares de bandarilhas de palmo de Thomaz da Rocha e Manoel dos Santos, facto que foi opportunamente aproveitado por este arrojado artista para a *lançar a rez* em *puntas*.

A autoridade não gostou da façanha, mas o publico applaudiu-a com furor, excluindo alguns *sentimentalistas*, que, na *afición* portugueza, formam uma pequenina colonia à parte dos *nacionalistas* e dos *aficionados* puros e castigos.

— Para hoje tem a empresa disposta uma excellente corrida de touros do sr. visconde da Varzea, que se entenderio com os nossos melhores toureiros e com os afamados *espadas* sevillanos Francisco Gonzalez (*Faico*) e Angel Gar ia (*Padilla*).

— No proximo dia 3o haverá então outra corrida em que se apresentará o celebre bandarilheiro acorianô (*Amario*), com touros tambem tercienses.

A empresa exploradora d'esta praça deu esta tarde a sua ultima corrida formal n'esta época, e, como todas as outras que promoveu, foi esplendida sob todos os conceitos.

Não é estranho a este resultado, sempre favoravel em todas as corridas, os vastos recursos de que dispõe a empresa, mas não é menos certo que, acima de tudo o que muito a auxilia é a comprovada competencia dos *aficionados* que a constituem, que não duvidam sacrificar os seus interesses em favor do publico, organizando as suas funcções com elementos caros, serios e de peso.

Os touros que vieram a Alges, na tarde de 16, pertenciam ao sr. Visconde da Varzea, do Carregado, e, além de mostrarem uma apparencia bonita, sahiram na maioria bravos e dando jogo superabundante para que os toureiros luisseem as suas habilidades.

Fernando d'Oliveira, o *maestro dos maestros*, touroou a cavallo com inexcelsível primor, valentia e arte.

Joaquim Alves imitou-o o melhor que poude e conseguiu obter palmas merecidas pela forma como dirigiu os seus corceis.

A gente a pé, dadas as boas qualidades dos touros, confiou-se com as rezas e brilhaou tambem.

Cadete *cuarteou* com primor e graça alguns pares bons; Torres Branco tambem metteu os braços com arte; Arthur Felis cumpriu discretamente; Manoel dos Santos alçou a lide e o publico como elle sabe, dando um *quebro* na cadeira, superiorissimo, e Thomaz da Rocha deixou pares de ferros monumentaes, dos largos e dos de palmo.

O novilheiro-bandarilheiro *Jarana Chico* não ultrapassou os limites do vulgar, e o mesmo succedeu ao matador sevillano Angel Garcia (*Padilla*), que é toureiro que mata e não matador que toureia.

Como a Francisco Gonzalez (*Faico*) succede justamente o contrario, já os leitores adivinham que foi elle quem fez melhor figura no *trasteo de moleta* e no *lançar de capa*.

A bandarilheiro não fez nada digno de menção, dizem-nos que por não se prestar o touro a lide dos *arponcillos*.

Constituo-nos que o animal tinha tomado pela manha uma garrafa de Cognac, e d'ahi o insuccesso das bandarilhas...

Os forcados é que não tinham tomado nada, e por isso á tarde mataram o bicho e o corpinho com pancadaria brava.

A casa tinha os logares cheios até mais de metade por um publico amavel e attencioso, que fez duas chamadas especiaes ao *ganadero* e aos artistas, e uma manifestação de agrado ao gerente da empresa sr. João Cypriano Batalha.

Livraria moderna PENEIRA & SILVA

PARA — R. Cass.º João Alfredo, 35

Livraria moderna

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

PUBLICAÇÕES DE ENCRICPATORIO

Preços sem competencia

Endereço telegraphico Moderna.



ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM 111, 1.

LISBOA

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.



Civilização e hypoerisía, por José Augusto de Castro. — Parceria Antonio Maria Pereira. Lisboa, 1900.

Numa *bluette*, José Augusto de Castro ajuntou um feixe de alexandrinos, cujo título nos parece suggestivo.

É, de facto, a *Civilização e hypoerisía* devia suggerir, a qualquer espirito culto, graves preocupações, se essas preocupações tivessem, além da parte esthetica, o lado philosophico e moral. Não nos parece, entretanto, que José Augusto de Castro, que não conhecíamos, tenha chegado á conclusão que o título do seu trabalho poetico exprime.

Tratou muito genericamente o assumpto, não logrando convencer-nos nem da sua indignação, nem do seu aspirativo sonhar um mundo melhor.

Todos nós estamos hoje convencidos de que as sociedades têm grandes erros, mas o que é certo é que a vida da humanidade não corre paralela á vida do homem. — uma conta-se por seculos, a outra por annos, o que faz sua differença!

E d'ahi o achamos um ou outro período historico mau, consoante ao tempo, se o analysamos mettidos na propria periphéria.

Por consequencia, o auctor da *Civilização e hypoerisía*, indignando-se com as maldades do mundo, em que vive, deveria fazer-nos sentir essa grande indignação e tirar do seu sentimento um vôo de idealidade, quando não suggerisse alguma idéa peregrina.

Porque dizer — que isto é mau, — é relativamente facil, sobretudo, em maus versos!

O que nos parece difficil, é suggerir qualquer coisa justa, boa, idealista.

Civilização e hypoerisía, assim unidos, estes termos, parecem um paradoxo e, se era esse o intuito do auctor, não deveria ter escolhido a forma elegiaca para os seus versos, mas sim, ajustal-os em outra maneira que se approximasse mais da satyra, visto que o rotulo do seu trabalho demonstra q'ue quer criticar o lado mau da vida social.

Em boa verdade, o que ha de fazer hoje um bello poeta? Indignar-se ou commover-se? Indignar-se com as miserias humanas e sentir as dôres e desgraças do homem por si, como suas.

Era isto que, naturalmente, esperavamos vêr synthetizado no livrinho de José Augusto de Castro.

Com relação á factura dos seus versos podemos afirmar que elles são, em geral, uniformes, que ha nelles certas idéas felizes derivadas de antitheses mais ou menos claras. Em resumo, como estreja, a *Civilização e hypoerisía*, torna-se um ensaio recommendavel por alguns predicados, descontando-se-lhe certas hesitações de quem começa.

O Recife, por A. J. Barbosa Vianna. — 1900.

É uma publicação commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, a qual só agora recebemos.

O seu auctor confessa numas palavras preambulares que o intuito deste trabalho modesto é tornar conhecida a capital do estado de Pernambuco, chamando para ella as attentões.

Porisso, depois de uma resumida e succinta epitome historica, o sr. Barbosa Vianna, entra na descripção monographica da cidade, apontando os principaes attractivos como: edificios publicos e particulares, notas sobre a administração, commercio, pequenas e grandes industrias, censos demographicos e estatisticos sobre a hygiene, morbidade e mortalidade, etc.

No texto intercalam-se varias photographuras indicando os principaes edificios, assim com um mapa definindo os rios e arterias da cidade.

O livrinho contém além disso as condições climatologicas e meteorologicas da cidade, computando, também, a produção agricola.

É um trabalho cheio de indicações utilissimas para quem tenha a necessidade de estes assumptos. É aqui até o seu maior elogio.

Contos tradicionais do

Algarve, por Francisco Xavier d' Athayde de Oliveira — Tavira, 1900.

Num grosso volume de cerca de 500 paginas, grupou o sr. Xavier d' Athayde uma bella porção de lendas, que, segundo confessa, andam, de bocca em bocca, na sua terra natal.

Sem querermos entrar nas considerações historicas sobre a raiz dos contos, o auctor, ao fazer esses enredos infantis, limitamo-nos, apenas, a consignar este trabalho de reconstituição de lendas e cabalas populares.

O nosso folhote é singelamente suggestivo. Em cada terra, em cada logarejo nós encontrámos novellas lindas, rimances ternos que a imaginação através dos tempos coloriu e poetou. De ordinario, essas lendas têm um fundo commum, religioso e fetichista.

Efabulações que giram todas no exito da superstição, ellas alludem a phenomenos curiosos da imaginativa popular, propensa sempre a crear, a mythogenear individualidades abstractas que, se, não têm uma fixação proxima da realidade, mostram, é certo, uma tendencia singular da alma que procura subir a rectões de sonho, fóra da vida, onde é gostoso acceter qualquer coisa mais bello do que ella.

Esta tendencia é que nos parece retomissima. Oliveira Martins, no *Systema dos mythos*, descreve-nos estas causas, através de varias civilizações tirando dellas este corollario: — a vida destas efabulações tem a sua origem no sonho.

Letourneau fez, tambem, no sonho o inicio das religiões as mais remotas.

Porisso, analysando essas historias amovaveis, de angosto para as almas simples, nós encontramos facilmente nellas um principio aspirativo de moral e de ensinamento, moral que se concretiza nos humildes ou desgraçados heroes dessas cabalas, que após as luctas do amor ou das virtudes têm, quasi sempre, a sua apothose.

Sómos, pois, de opinião que todas estas historietas têm um ramo commum, e que, porisso, ellas apenas se differenciam, consoante as alterações que tiveram na passagem de um para outro ponto ou pela tendencia de cada povo em as localisar, fazendo-as participar da vida do seu paiz, quando nelle, passados tempos, se criem novas e allucinadas lendas, ou quando, as que vieram de longe, se adaptam ao caso acontecido.

Sob este ponto de vista o trabalho do sr. Xavier d' Athayde tem uma importancia especial. Este trabalho, é, além disso, escripto em linguagem simples, o que lhe dá mais valor ainda, porque a sua leitura é naturalmente indicada para creanças.

Gazeta dos caminhos de ferro, n.º 15, do 13.º anno.

Recebemos o numero correspondente a 1 de agosto do corrente.

Encerra este numero além dos artigos da especialidade uma suggestiva tabella da recetta dos caminhos de ferro, tanto do Estado, e da Companhia real, como os da Hespanha. Por essa tabella se vê que a differença de 1899 para 1900 é consideravel, sob o ponto de vista da rec. ta.

A *Gazeta dos caminhos de ferro* torna-se ainda recommendavel por consignar varios assumptos referentes a viagens a fazer pelo mundo fir, indicando preços, differenças de cambio, itinerarios, etc.

Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil, por Francisco de Sales Pires da Silva. — 1900.

Este folhote sobre Pedro Alvares Cabral contém uma parte historica concernente ao grande acontecimento maritimo.

O auctor deste livrinho descreve-nos ao depois a descendencia dos condes de Belmonte que representam a familia Cabral.

O interesse, pois, da obra é muito resumido, porque não nos traz nada de novo sobre o extraordinario descobrimento, apresentando-o sob qualquer outro aspecto digno de controversia.

Destina-se, em especial, ás creaturas que tenham o particular cuidado de saber e de se interessar por assumptos genealogicos.

«Aide-Mémoire» do empregado de commercio, por Severiano Ivens Ferraz. — Lisboa, 1900.

Não conhecemos, indubitavelmente, livro de commercio superior em utilidade immediata, a um *manua* (34 paginas) publicado ha dias por

Severiano Ivens Ferraz, com o curso superior de commercio e official da administração naval.

Severiano Ivens Ferraz pertence a uma familia d'élite de nome já celebre.

O judicioso criterio de Severiano Ivens Ferraz ahi fica affirmado no seu *Aide-Mémoire*, modesto de formato, mas de incontestabilissima e riquissima utilidade.

Não ha profano que, lendo-o, não fique iniciado nos segredos commerciaes; não ha pratico que, passando o pela vista, fique ignorando escaninhos que até então talvez não declassasse com muita facilidade.

Este livro, no seu genero, é unico. — Uma época de reclame doido, dizer assim parece exaggero.

Desafiámos o commerciante mais sabido a que nos desminta.

Severiano Ferraz prefacia assim o seu livro:

«A experiencia mostrou-nos, durante a nossa permanencia em Africa, que, a maior parte das vezes, os colonos, que se destinam ao commercio nas nossas possessões ultramarinas, não tem os necessarios conhecimentos de contabilidade.

«Isto levou-nos a escrever o presente livro, cuja orientação elementar tornará facil a consulta dos que poucos conhecimentos tiverem d'esta materia, e habilitará quem deajar tel-os mais desenvolvidos, a recorrer a livros de maior valor.

«Fugimos a certos rigores doctrinarios, procurámos facilitar quando possível a exposição, á qual desejámos dar um pouco essencialmente pratico. E com o mesmo intuito publicamos varias tabellas, entre as quas figuram seis em que colleccionámos as unidades de pesos e medidas inglezas mais usadas e seus symbols, reduzindo-as ao systema metrico; reunindo por este modo, em pequeno volume, o que mais preciso é para auxilio dos trabalhos de escriptorio.

«Junho de 1900.

S. Ferraz.»

E o livrinho, que vale volumes, segue todo elle com o fite annunciado n'esse prelo, explicando a maneira de escripturar, a tecnologia commercial, tipos de calculo mercantil, calculo de cambios, mais explicando-o por tal fórma, que ninguém ha que não attinja á explicação, que ninguém ha que, apesar da aridez do assumpto, não se sinta levado a comprehendê-lo.

Livro para todos os commerciantes.

Livro para colonos.

Livro para emigrantes.

Livro para os que commecam no commercio, e livro para os que já sabem.

É uma cartilha, e é ao mesmo tempo, como o seu auctor lhe chama, um *Aide-Mémoire*. E, no genero, é, repetimos, unico.

Uma definição de Alphonse Daudet:
Mocidade — idade em que os olhos brilham sem ver.

Outra definição mais não do mesmo auctor: —
Minha fim de seculo — O menos possível minha.

INVOCACÃO

Uma dôr que nem tem nome!
A miseria, o frio, a fome,
O terror, a morte, o luto...
Tudo! Uma dôr que os consome,
obra apenas de um minuto...
e... uma dôr que nem tem nome!...

Oh! Piedade, ó Deus! Piedade!
para a malviva metade,
que inda lá, de porta em porta,
nos entulhos da cidade,
procura a outra mal morta...
Oh! Piedade, ó Deus! Piedade!

FERNANDO CALDEIRA.

Uma actriz, sentindo-se extraordinariamente incommodada, manda a toda a pressa chamar o medico. Este chega, ouve-a e depois diz-lhe: —

V. Ex.ª tem uma dyspepsia.
— Mas de onde vem a dyspepsia?
— A dyspepsia, minha senhora?... a dyspepsia vem do grego.

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas



Para fazer Boa Cozinha

É preciso
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

Á venda
em todas as princi-
pales mercearias de
Lisboa

—o—

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.^a — R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.

Jerônimo Martins & F.^m — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.

José Afonso Vianna & C.^a — Largo Camões, 33 e 31, Lisboa.

R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.

Alves Diniz, Irmãos & C.^a — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.

Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

VIUVA WENCESLAU GUIMARAES & C.^a

OUTRO Comissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de vestidos e alfayate

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO —

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

A Formosa Paraense



Estabelecimento de mo-
das e sabedezas, com

importação

directa dos mercados eu-
ropeus.

Fundada em 1864

Corrêa Miranãa & C.^a

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.
Para passageiros de 2.^a classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.^a 4, Praça dos Remolares.
Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Aurora, 52.
Sociedade Companhia das Messageries Maritimes
Soc. Pariziana.

VINHOS DO PORTO
Marca registrada

Santos J.^{os}
Porto

casafundada em 1872

A. Pinto Santos Junior & Comp.^{as}

Premiada com os primeiros prêmios em todas as exposições.

BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul
CAPITAL SUBSCRITO 5.000.000\$000

Capital realizado..... 2.600.000\$000
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100.000\$000
Lucros suspensos e especiaes, idem... 1.300.000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambiais, em sua sede e em suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e com os Paizes d'Europa e America.

Directores
A. R. Torres, Manoel Carvalho da Costa, João Custodio Pinto

Ao Bazar da Indústria
TAVEIRA BARBOZA & C.
L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelerias, livros em branco, chapéus, harmonicas, cordas para violão, Realizes. Caixas de musica. Roupa de seda, perfumarias, luto quodens. Camas de viagem, binoculos, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MUEZES
O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Indústria.

Vendas por atacado e a retalho

PROVAE os DELICIOSOS VINHOS DO PORTO DE Constapino Almeida



Livros uteis e instructivos
EDIÇÕES da EMPREZA EDITORA de F. Arthur da Silva — LISBOA

HISTORIA UNIVERSAL — G. Cantan-Deade a criação do mundo ate a nossa epoca. Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 15 volumes in-4.º gr. 3.ª edição, com 81 gravuras, br. 18000	HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRAZIL) — Sebastian da Rocha Pitta — Desde o anno de 1500 ate o de 1714 — Revista e actualizada por J. Gomes Góes, in 8.º grande, 2.ª edição de luxo com 10 grav. e um mappa, broch. 12800
OS ULTIMOS TRINTA ANOS 1848 a 1878 — Encad. franceza 12000	RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL — Silveira Pinto e Visconde de Saes de Aguiar — 2 vol. in-8.º grande, com 124 pag. edição de luxo, com gravuras de armas e retratos, br. 18000
NOVO DICCIONARIO ENCYCLOPEDIA QUINOVENARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — D. José M. A. A. G. de Lacerda Diccionario de synonymos. Vocabulario da lingua Brasileira, ou Lopy — Vocabulario do dialecto Guarany, 2 vol. in-folio, 5.ª edição, com 250 pag. etc. 42000	O ENGENHO FIDALGO DO QUIXOTE DE LA MANCHA — M. Miguel del cervantes Saavedra — Versão do Visconde de Benalcanfor, 2 vol. in-8.º com 1.628 pag. com 31 grav. broch. 28000
HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media ate aos nossos dias — Verdida do hespanhol por L. Friedlaef, 3 vol. in-8.º, com 1.245 pag. e 12 grav. broch. 25000	Em 1/2 encad. franceza 35000

Remette-se franco de porte o catalogo illustrado.

Atelier-Photo-Chimico-Graphico
P. MARINHO & C.^a — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 823

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de paiz. em todos os trabalhos.
Execução perfeita.

LA BÉCARRE
F. CARNEIRO & C.^a
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

JOÃO BASTOS & C.^{TA}
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCI'DADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263.000\$000

Seguros realisaados em vigor.....	50.297.000\$000	Reserva de re-seguro.....	2.601.268\$977
Novos seguros propostos em 1899.....	24.431.000\$000	Sobras-Garantia suplementar.....	491.287\$804
Seguros accetes em 1899.....	20.895.000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de titulos e predios que possui.....	200.000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899.....	3.556.000\$000	Sinistros pagos até esta data.....	1.023.000\$000
Renda em 1899.....	3.428.548\$123		

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

"Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correcção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encomio que aqui registrassemos.



"E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

"Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço".

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL



FABRICA: Rua de S. Christovão N.º 129

DEPOSITO e ESCRITORIO: Rua da Constituição, N.º 8
TELEPHONE N.º 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se mudirem de moveis de outra procedencia.

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construídos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas, moveis avulsos ou quaisquer outros

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Credito

AV. ALFONSEGUEIRO: QUISYUNES
85, RUA DO OURO, 97 LISBOA

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA - L. de Santo Antonio da No. 19

Emprestitos hypothecarios: em obrigações predias e, jongo prazo, em juros de 3% e 4% de 10 a 50 annos. Emprestitos em conta corrente: a juro de 3% e comissão de 1/2% de 1 a 5 annos. Depósitos accretivos: a prazo ou á ordem, vencendo a 1% á ordem e 3/4% ao prazo de 3 mezes a 1 ano e 4% ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no termo e nas ilhas que vende á prompto ou a prazo á populaçáo nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegaço que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



Billharas de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Fuocos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Juogo diverso de novidade - Cartas

Tenno e Fizes para todos os jogos

Alava de José Hernandez de Sousa

15 - Rua Nova do Almada - 28

CAISA PONTALVA S. M. 1008

1133-A

Peçara o catalogo illustrado.

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doencas da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.ª ordem a

RUA DO CARMO, 35. 1.º

(CHILADO)

Fabrica de Capsulas de S. Payo

VILLA NOVA DE GAYA

Preços de capsulas para garrafas:

15 m. m. 18.00 reis por 100

20 m. m. 18.00 " " "

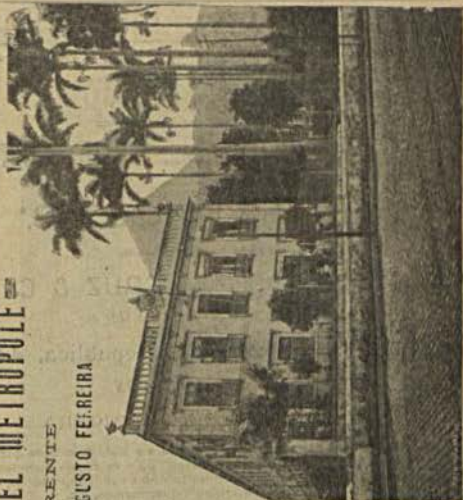
25 m. m. 18.00 " " "

35 " " 18.00 " " "

para encomendas de 1000 em diante a 10/10

JULIANO DE TEREIRA

45, Travessa do Corralão, 55



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Covado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

AV. DE LISBOA

PSYCHOLOGIA DO CHAPEU

«O estylo é o homem! — Dizia Buflon, um Sábio de tom...
Esta provado, hoje em dia
Que era um erro de Buflon!

Um erro! um erro profundo,
Digno de eterno labeo:
Pois sabe hoje todo o mundo
Que o homem... é o chapéo!

Acreditem! não respinguem!
E' a Sciencia que o diz:
Pelos chapéus se distinguem
Os gênios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito,
Com um c'apéo de forma vil,
Amarratado e mal feito,
Diz se logo: «Que imbecil!

A Sciencia não vos engana...
Tereis um chapéo ideal,
Comprando-o na Americana
Do Garvalho Port-gall!

Mas quando algum apparece
Trazendo no cráneo, ao sol,
Um chapéu que resplandece,
Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto,
Que atralhe e seduz o olhar,
Com o seu encanto secreto,
Com a sua forma sem par,

— Admirando o cavi lheiro,
Diz a gente: «Sim, senhor!
Ou é um grande fashioneiro,
Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento,
Dominar a terra e o céo
Com vóo do Pensam'nto?
Quereis ter um bom chapéo?

CHAPELARIA

AMERICANA

133 — RUA DO OUVIDOR — 133

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

Montenegro Ferreira & C.^a

Suaesenhora da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.^a

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANÁOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrah o Vinho VENTURA, o unico que, com va tagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficis, enfraquecimentos, etc.

Como tónico esta hoje reconhecida a effi'acia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situaçao na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentaçao e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a installar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endeço telegraphico MAREIRO

Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

Soberano depurativo do sangue

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doencas originarias do sangue viciado, differentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, canceros, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de mau character no collo do utero e garganta, inchaçao nas pernas, molestias da pelle, empigens, dertos, escoriacões, eranulações no rosto, vegetações e blenorrhagias agudas ou chronicas, dores steocopas e neuralgias, inflammações visceras de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doencas determinadas por saturaçao mercurial.

A SALSA TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e póde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupaçoès; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.^a

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



CASA FILIAL

Rua Florento d'Abreu, 34

S. PAULO



Casa matriz e fabrica

RUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO



Casa matriz—RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com officinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade

◆◆◆
COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM

◆◆◆
Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO

Brasil-Portugal

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

1 e 16 de cada mez

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua Ivens, 52 — LISBOA

Em vista do exito extraordinario que em todo o Brasil, Portugal, Ilhas e Africa, teve o 1.º almanach do BRASIL-PORTUGAL, a Empresa resolveu publicar

o 2.º

ALMANACH ILLUSTRADO

PARA 1901

Com uma tiragem de

50.000 exemplares

O Almanach Illustrado do Brasil-Portugal, impresso em papel de luxo, conterá 360 paginas e mais de 500 gravuras meditas e sera posto a venda antes do fim do anno.

O ALMANACH PARA 1901 apresentará grandes novidades artisticas destinadas a um exito sensacional

Desde ja se recebem annuncios para o Almanach Brasil-Portugal na administração da Revista, em Lisboa, e nas suas agencias do Brasil e Portugal.

A assignatura no Brasil

A Empresa do BRASIL-PORTUGAL resolveu, em vista do exito crescente da publicação nos Estados Brasileiros, reduzir o preço da assignatura para todo o Brasil como ja o fez para Portugal.